



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Empatia, Personalidade e Imagens Sociais sobre Jovens em
Acolhimento Residencial: o papel mediador da Dominância Social

Anastasia Sirbu

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:
Doutora Eunice Magalhães, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Empatia, Personalidade e Imagens Sociais sobre Jovens em
Acolhimento Residencial: o papel mediador da Dominância Social

Anastasia Sirbu

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:
Doutora Eunice Magalhães, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017

Aos meus pais.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, os meus agradecimentos à minha orientadora, Professora Eunice Magalhães, pela constante presença e disponibilidade durante todo o processo da construção da dissertação, pela excelente orientação, pela transmissão de conhecimentos e de positivismo.

Agradeço também à investigadora Shalhevet Attar-Schwartz pela ajuda e interesse demonstrado nesta dissertação.

Um obrigada aos meus pais, o meu grande exemplo, pelo apoio incondicional e por me ensinarem que com empenho, dedicação e muito trabalho tudo é possível. Sem os vossos sacrifícios não estaria aqui.

Obrigada aos meus eternos companheiros do ISCTE: Daniela, Luis, Edu, Débora e Andreia, obrigada pela amizade e pela paciência.

Por último, um obrigada aos meus pilares. Ao Rafa, pela enorme ajuda na recolha de dados e pelos inúmeros “tudo se faz com calma”. À Valentim, pelas dicas e incentivo nos nossos cafés matinais no início deste processo. À Valente, pelos mil e um telefonemas, pela constante preocupação e capacidade única de me animar no meio de qualquer “tempestade”. À Ana, a nossa voz da razão, pelas palavras (no momento certo), que me fazem sempre acreditar em mim mesma.

A todos vós, um enorme obrigada!

Resumo

A literatura sugere que as Imagens Sociais (IS) associadas aos jovens em Acolhimento Residencial são maioritariamente negativas (Arpini, 2003; Kuznetsova, 2005), sendo mais negativas que as de jovens não acolhidos (Garrido et al., 2016). Os resultados obtidos com profissionais afiguram-se ainda mais negativos comparativamente com leigos (Garrido et al., 2016), o que remete para a necessidade de aumentar o conhecimento sobre os fatores explicativos destas IS. Apesar desta evidência e do possível impacto negativo deste tipo de imagens no desenvolvimento dos jovens (Sainero et al., 2015), a investigação centrada neste tópico é ainda escassa e pouco se sabe sobre as variáveis que possam contribuir para a formação das IS. No presente estudo analisam-se assim as IS de estudantes universitários acerca dos jovens em Acolhimento Residencial e testa-se um modelo de mediação da Dominância Social na relação entre Empatia, Personalidade e as IS.

Foram analisados os dados de 334 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 17 e 55 anos ($M=22.21$; $DP=5.24$), 74% do sexo feminino. Os resultados sugerem que as IS sobre os jovens em Acolhimento Residencial são maioritariamente negativas. Além disso, apesar de não terem sido encontrados efeitos de mediação estatisticamente significativos, foram encontrados efeitos indiretos da Empatia e Personalidade na dimensão Competente das IS; e diretos da Personalidade na dimensão Feliz e cuidado das IS. Os resultados são genericamente consistentes com a literatura neste domínio, sugerindo a necessidade de sensibilização e treino de competências durante a formação universitária com vista à prevenção de imagens estereotipadas negativas.

Palavras chave: Acolhimento Residencial; Imagens Sociais; Dominância Social; Empatia; Traços de Personalidade

Categorias de classificação PsycINFO:

3120 Personality Traits & Processes

3040 Social Perception & Cognition

Abstract

The literature indicates that the Social Images of young people in Residential Care are mostly negative (Arpini, 2003; Kuznetsova, 2005), and more negative than images of youths living out of Residential Care (Garrido et al., 2016). The results obtained with professionals seem to be even more negative compared to lay people (Garrido et al., 2016), which indicates the need of increasing knowledge about the factors that may explain these social images. Despite of this evidence and the possible negative impact of this type of images on the development of young people (Sainero et al., 2015), research focused on this topic is still scarce and little is known about the variables that may contribute to the formation of social images. In this study, we analyze the Social Images of university students about young people in Residential Care and test a model of mediation of Social Dominance in the relationship between Empathy, Personality and Social Images.

Data from 334 university students, aged 17-55 years ($M = 22.21$; $SD = 5.24$), 74% female, were analyzed. The results suggest that the Social Images about young people in Residential Care are mostly negative. In addition, although no statistically significant mediation effects were found, indirect effects of Empathy and Personality in the Competent dimension of Social Images were found; also, direct effects of Personality in the Happy and nurtured dimension of Social Images were found. The results are consistent with the literature in this field, suggesting the need for raising awareness and train skills during university graduation to prevent negative and stereotyped images.

Keywords: Residential Care; Social Images; Social Dominance; Empathy; Personality Traits

PsycINFO Classification Categories:

3120 Personality Traits & Processes

3040 Social Perception & Cognition

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I - Acolhimento Residencial.....	3
1. Contextualização legal e histórica.....	3
1.2. Caracterização da população de crianças e jovens em Acolhimento Residencial no contexto português.....	5
Capítulo II - Enquadramento Teórico.....	7
1. Imagens Sociais: da conceptualização ao impacto psicológico.....	7
1.1. As Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial.....	8
2. Modelos teóricos e dimensões explicativas das Imagens Sociais.....	10
2.1. Dominância Social.....	10
2.2. Empatia.....	12
2.3. Personalidade.....	13
Capítulo III - Problema e Objetivos do Estudo.....	15
Capítulo IV – Método.....	17
1. Participantes.....	17
2. Instrumentos.....	17
2.1. Questionário sociodemográfico.....	17
2.2. Escala de Respostas Socialmente Desejáveis.....	18
2.3. NEO-FFI.....	18
2.4. Índice de Reatividade Interpessoal.....	18
2.5. Questionário de Avaliação das Imagens Sociais.....	19
2.6. Escala de Orientação de Dominância Social.....	19
3. Procedimentos.....	20
3.1. Recolha de dados.....	20
3.2. Análise de dados.....	20
Capítulo V- Resultados.....	23

1. Imagens Sociais veiculadas pelos estudantes universitários	23
1.1 Imagens Sociais veiculadas por estudantes de psicologia	25
2. O papel mediador da Dominância Social na relação entre Empatia, Personalidade e Imagens Sociais	27
2.1. Diferenças nas variáveis analisadas no modelo de mediação em função do sexo dos participantes	27
2.2. Diferenças nas variáveis analisadas no modelo de mediação em função do padrão de contactos dos participantes com jovens em Acolhimento Residencial.....	28
2.3. Diferenças nas variáveis analisadas no modelo de mediação em função da área de formação dos participantes	30
2.4. Análise das correlações.....	31
2.5. Modelo de mediação	32
VI - Discussão	35
1. As Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial	35
2. O papel mediador da Dominância Social na relação entre Empatia, Personalidade e Imagens Sociais	36
3. Implicações para a prática e investigação.....	39
Capítulo VII - Conclusão	43
Fontes	45
Bibliografia.....	47
Anexo A - Características sociodemográficas dos participantes	55
Anexo B – Consentimento informado.....	59
Anexo C - Questionário.....	61

Índice de Quadros

Quadro 5.1 – Características mais frequentes atribuídas a jovens em Acolhimento Residencial pelos estudantes universitários de ciências sociais e ciências não sociais	24
Quadro 5.2 – Características mais frequentes atribuídas a jovens em Acolhimento Residencial pelos estudantes de psicologia.....	26
Quadro 5.3 – Diferenças de médias ao nível das Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia em função do sexo dos participantes	27
Quadro 5.4 – Diferenças de médias ao nível das Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia em função do padrão de contactos com jovens em Acolhimento Residencial	29
Quadro 5.5 – Diferenças de médias ao nível das Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia em função da área de formação dos participantes	30
Quadro 5.6 – Correlações entre as Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia, idade e orientação política	32

Índice de Figuras

Figura 3.1 – Modelo Teórico: Papel mediador da Dominância Social na relação entre a Empatia e a Personalidade e as Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial.....	16
Figura 5.1 – Modelo de mediação da Dominância Social na relação entre Personalidade, Empatia e Imagens Sociais.....	33

Introdução

As Imagens Sociais podem ser consideradas como um “sistema de valores, ideias e práticas” (Moscovici, 2004, p.21), envolvendo crenças passíveis de persistir sem evidências sobre a sua veracidade (Corsini, 1999) e que podem implicar a atribuição de características negativas a alguns grupos sociais (Link & Phelan, 2001). As imagens socialmente estereotipadas têm sido exploradas no que toca ao seu impacto no desenvolvimento e bem-estar dos indivíduos (Cheng & Mallinckrodt, 2015; Greene, Way & Pahl, 2006; Pascoe & Richman, 2009). Contudo, e apesar de vários estudos explorarem estas questões com diversos grupos sociais (Ho et al., 2015; Pratto, Sidanius, Stallworth & Malle, 1994; Sidanius & Pratto, 1999), as Imagens Sociais relativas aos jovens em Acolhimento Residencial, enquanto grupo em desvantagem social, têm sido relativamente pouco estudadas.

Os estudos prévios centrados nas Imagens Sociais acerca dos jovens em Acolhimento Residencial revelam que estas são genericamente negativas e que tendem a ser mais negativas do que as de jovens não acolhidos (Arpini, 2003; Garrido et al., 2016; Kuznetsova, 2005; Lopes, Calheiros, Patrício & Garrido, 2017). Adicionalmente, os resultados obtidos com profissionais que têm contacto com esta população afiguram-se mais negativos e problemáticos quando comparados com leigos (Garrido et al., 2016). Estes resultados têm implicações importantes para a prática, na medida em que o tipo de perceções que os profissionais detêm pode afetar a sua intervenção com esta população. Além disso, a literatura mostra que este tipo de imagens pode ter um impacto negativo nos indivíduos especialmente na fase da adolescência (Arpini, 2003; Kools, 1997). Particularmente nos jovens acolhidos, atendendo aos fatores de risco prévios e dificuldades evidenciadas do ponto de vista do seu ajustamento psicológico (Instituto da Segurança Social, 2017) as Imagens Sociais negativas podem constituir-se como um fator acrescido de vulnerabilidade. Apesar destas evidências, pouco se sabe acerca dos fatores que explicam as Imagens Sociais. Neste sentido e atendendo às evidências amplamente exploradas no contexto da investigação sobre discriminação e preconceito (Ekehammar & Akrami, 2003; Pratto et al., 1994; Sidanius, Pratto, Sinclair & Van Laar, 1996), na presente dissertação serão explorados fatores explicativos das Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial a partir de modelos teóricos e evidência empírica prévios nesta área.

Assim, os objetivos deste trabalho passam por, não só explorar as Imagens Sociais de estudantes universitários (nomeadamente, aqueles com maior probabilidade de contacto profissional com os jovens em Acolhimento Residencial, i.e., estudantes universitários provenientes das áreas de ciências sociais) mas também testar um modelo de mediação da

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Dominância Social na relação entre variáveis individuais (Empatia e Personalidade) e as Imagens Sociais.

Para responder a estes objetivos, a presente dissertação está organizada em sete capítulos. No Capítulo I iremos abordar a contextualização social, legal e histórica do Acolhimento Residencial, bem como a caracterização dos jovens em contexto de acolhimento em Portugal. De seguida, no Capítulo II iremos explorar teórica e empiricamente as Imagens Sociais, permitindo que no Capítulo III sejam discutidos o problema e objetivos deste estudo. Já no Capítulo IV, estão incluídas as questões metodológicas, nomeadamente, a amostra do estudo, os instrumentos utilizados, bem como questões relativas à recolha e análise dos dados. Os resultados do estudo relativos às Imagens Sociais dos estudantes universitários e do modelo teórico são analisados no Capítulo V. Os resultados obtidos são interpretados e discutidos à luz da literatura existente e tendo em conta as suas implicações práticas, limitações e sugestões para estudos futuros no Capítulo VI, estando resumidos no Capítulo VII através de uma conclusão deste estudo.

Capítulo I - Acolhimento Residencial

1. Contextualização legal e histórica

As últimas décadas foram marcadas por uma série de mudanças estruturais e funcionais na área da proteção das crianças e jovens em perigo, refletidas na atual Lei n.º 142/2015, correspondente à terceira alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), aprovada pela Lei n.º 147/99 de 1 de setembro. O principal objetivo desta lei passa pela proteção das crianças e jovens em perigo de modo a garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral (artigo 1.º, LPCJP). A presente lei define um conjunto de medidas com vista à proteção das crianças, sendo que estas podem ser executadas em meio natural de vida ou em regime de colocação. Este último abrange, para além do Acolhimento Familiar, o Acolhimento Residencial, anteriormente designado por "Acolhimento Institucional". Esta medida é atualmente definida como a “colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados”. O objetivo do Acolhimento Residencial passa por “contribuir para a criação de condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sócio familiar seguro e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral” (artigo 49.º da LPCJP, p.7204).

Analisando a evolução histórica do Acolhimento Residencial no contexto português, verificamos que até aos anos 80 o sistema de acolhimento estava maioritariamente sob a responsabilidade de organizações religiosas e, conseqüentemente, influenciado pelas tradições de cariz religioso, nomeadamente de práticas de caridade a crianças e jovens negligenciados. Este modelo era, ainda, caracterizado por instituições de grande dimensão e um baixo número de profissionais qualificados e focado, sobretudo, na satisfação das necessidades básicas das crianças e jovens acolhidos (Rodrigues, Barbosa-Ducharme1 & del Valle, 2013). Contudo, as últimas décadas foram marcadas por uma série de mudanças impulsionadas pela publicação da Lei n.º 147/99 de 1 de setembro. As sucessivas alterações legislativas têm permitido a progressiva substituição do modelo institucional por um modelo de cariz familiar, caracterizado por Casas de Acolhimento de dimensão mais reduzida e com menos crianças, assim como com uma maior ligação à comunidade e à família, integração de profissionais qualificados e intervenção com um foco no desenvolvimento integral da criança e do jovem. As mudanças funcionais e estruturais atuais estão ainda ligadas à implementação de algumas medidas

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

governamentais, nomeadamente a implementação do Plano DOM e SERE+, assentes num modelo de especialização do Acolhimento Residencial. Este modelo, complementar ao modelo familiar, visa uma adaptação do acolhimento às necessidades dos jovens acolhidos (Rodrigues et al., 2013).

A ratificação, por parte de Portugal, de alguns documentos internacionais ligados à proteção de crianças e jovens, como a Convenção dos Direitos da Criança (UNICEF, 2004) nos anos 90, deu particular ênfase à defesa do superior interesse da criança. A referida Convenção sugere não só a necessidade de particular proteção e atenção às crianças pela sua especial vulnerabilidade, como também de proteção contra todas as formas de discriminação. Assim, os Estados Partes devem tomar todas as medidas adequadas para que a criança seja efetivamente protegida contra todas as formas de discriminação (UNICEF, 2004, p.6), comprometendo-se, ainda, a garantir a salvaguarda de todos os direitos a todas as crianças sem exceção.

Magalhães, Calheiros e Costa (2016) chamam a atenção para o facto dos jovens em Acolhimento Residencial se encontrarem privados de um dos seus direitos fundamentais, o direito de viver com a sua família, pelo que é ao Estado que cabe a responsabilidade de garantir alguns direitos que não são salvaguardados no contexto familiar. Mais concretamente, o direito de ser bem tratado de acordo com as condições necessárias para um desenvolvimento adequado (Magalhães et al., 2016). Não obstante, esta medida de proteção é perspetivada por alguns autores como sendo paradoxal, na medida em que, apesar de ser uma medida de proteção, a sua aplicação pode resultar em danos adicionais para as crianças e jovens, caracterizados por percursos já de si fragilizados (Guerra, 2016). De facto, a literatura sugere que estas crianças e jovens são particularmente vulneráveis, já que o seu acolhimento muitas vezes se deve a fatores similares aos que emergem nos processos de exclusão social, como por exemplo, o desemprego dos pais ou a ausência de competências parentais (Kendrick, 2005). Além disso, para os jovens acolhidos, a retirada do contexto familiar e a colocação numa Casa de Acolhimento podem significar a perda de pessoas significativas nas suas vidas, como familiares e amigos, o que pode comprometer o seu adequado desenvolvimento e bem-estar (Sinclair & Gibbs, 1998), podendo ser um fator de vulnerabilidade acrescido.

Com efeito, a literatura sugere que a saúde mental das crianças e jovens em acolhimento parece estar particularmente comprometida, revelando que uma grande parte destas crianças e jovens apresentam problemas de saúde mental (Connor, Doerfler, Toscano, Volungis & Steingart, 2004; Schmid, Goldbeck, Nuetzel & Fegert, 2008). Bronsard et al. (2016), por exemplo, referem, na sua meta-análise, a prevalência de problemas de externalização, como perturbações disruptivas do comportamento e perturbações de hiperatividade com défice de

atenção, assim como problemas de internalização, tais como perturbações de humor e de ansiedade. Os dados oficiais no contexto português reforçam estas vulnerabilidades, passando a ser descritos detalhadamente na seguinte seção.

1.2. Caracterização da população de crianças e jovens em Acolhimento Residencial no contexto português

De acordo com o Relatório CASA (Instituto da Segurança Social, 2017), no ano de 2016, encontravam-se em situação de acolhimento 8.175 crianças e jovens. A grande maioria, mais concretamente, 7.203 crianças e jovens (88.1%), encontram-se integrados em Casas de Acolhimento, sendo esta a resposta de acolhimento mais prevalente em Portugal. Os dados referentes ao ano passado e em conformidade com os anos anteriores, revelam ainda que a maioria destas crianças e jovens são do sexo masculino (51.9%), prevalecendo a faixa etária dos adolescentes, nomeadamente entre os 15 e 17 anos (34.9%), seguida pela faixa etária dos 12 aos 14 anos (20.2%) e dos 18 aos 20 anos (13.0%). O relatório indica ainda que estas crianças e jovens evidenciam alguns problemas de saúde mental e física, problemas de comportamento e consumo de substâncias como consequência das experiências prévias (e.g., negligência ou abuso) que conduziram ao acolhimento, destacando-se os problemas de comportamento e oposição. Estas problemáticas parecem ser predominantes nas faixas etárias correspondentes à adolescência nomeadamente, na faixa etária dos 15 aos 17 anos (55%). O relatório revela ainda que um grande número dos jovens desta faixa etária usufrui de acompanhamento ao nível da saúde mental, nomeadamente de acompanhamento psicoterapêutico ou psiquiátrico irregular (237 jovens) ou regular (995 jovens) (Instituto da Segurança Social, 2017).

Finalmente, do ponto de vista da história de acolhimento, 22% das crianças/jovens iniciaram o acolhimento em 2016 e 54% iniciaram o acolhimento em anos anteriores. O relatório também aponta para o facto de nos últimos oito anos se registar uma tendência para uma diminuição do número de crianças/jovens acolhidos, à exceção de um crescimento em 2014 e 2015. Mais concretamente, nos últimos dez anos (desde 2006 até 2016), assistiu-se a um decréscimo de 29% no número de crianças e jovens acolhidos em Portugal (Instituto da Segurança Social, 2017).

Capítulo II - Enquadramento Teórico

1. Imagens Sociais: da conceptualização ao impacto psicológico

Genericamente, as representações sociais podem ser definidas como um “sistema de valores, ideias e práticas” (Moscovici, 2000, p.12) que permitem inserir objetos, pessoas e eventos em determinadas categorias, ajudando os indivíduos a orientar-se no mundo social e material (Moscovici, 2000). Tajfel e Turner (1986) referem que esta categorização social, além de ser uma ferramenta usada para classificar e organizar o mundo social, permite também ao indivíduo definir o seu lugar na relação e em comparação com os outros na sociedade. Especificamente, as Imagens Sociais são conceptualizadas por Corsini (1999) como crenças que os grupos sociais ou as sociedades detêm e que tendem a persistir na ausência de evidências sobre a sua veracidade. Deste modo, alguns autores defendem que as Imagens Sociais podem estar relacionadas com processos de estigmatização, uma vez que, estas crenças podem conduzir à associação de características negativas a alguns grupos sociais (Ayesteran & Páez, 1987; Link & Phelan, 2001). Consequentemente, este processo pode ter impacto no ajustamento dos indivíduos alvo de Imagens Sociais negativas (Calheiros, Garrido, Lopes, & Patrício, 2015). Neste sentido, estas imagens socialmente estereotipadas acerca dos indivíduos/grupos podem ser conceptualizadas à luz de modelos teóricos centrados nos processos de estigmatização, preconceito e discriminação, cuja atenção teórica e empírica tem sido particularmente evidente nas últimas décadas (Dovidio, Hewstone, Glick, & Esses, 2010).

Uma das linhas de investigação nesta área envolve estudos focados no impacto destes processos no funcionamento individual. Por exemplo, a meta-análise desenvolvida por Pascoe e Richman (2009), que analisou publicações que exploravam a relação entre diversas formas de discriminação percebida e resultados na saúde dos indivíduos, demonstrou que os processos discriminatórios influenciam de forma negativa a saúde mental e física dos sujeitos, estando ainda relacionada com níveis elevados de stress (Pascoe & Richman, 2009). Assim, a discriminação parece estar associada a diferentes problemas de saúde mental, nomeadamente, o consumo de substâncias, stress pós-traumático, baixa autoestima e sintomas depressivos (Cheng & Mallinckrodt, 2015; Chou, Asnaani & Hofmann, 2012; Greene, Way & Pahl, 2006; Stein, Supple, Huq, Dunbar & Prinstein, 2016). O impacto negativo destes processos discriminatórios no funcionamento psicológico dos indivíduos poderá ainda ser explicado pela internalização do estigma (Corrigan & Watson, 2002), descrita na literatura como um processo através do qual os alvos de estigmatização, concordam, internalizam e replicam as atitudes

preconceituosas presentes no grupo dominante. Tal parece contribuir deste modo para sentimentos de inferioridade, ansiedade e depressão, entre outros (Van Brakel, 2006).

Os estudos centrados nestes processos têm abrangido um leque extenso de diferentes grupos em desvantagem social, desde minorias étnicas, pessoas desfavorecidas financeiramente, imigrantes, *gays*, refugiados, entre outros (Ho et al., 2015; Pratto, Sidanius, Stallworth, & Malle 1994; Sidanius & Pratto, 1999). Contudo, as Imagens Sociais relativas aos jovens em contexto de Acolhimento Residencial têm sido relativamente pouco estudadas.

1.1. As Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial

A investigação centrada nas Imagens Sociais de crianças e jovens em Acolhimento Residencial é escassa, ao contrário dos esforços desenvolvidos, ao longo de décadas, ao nível da sua saúde mental, funcionamento psicossocial e avaliação de necessidades (Calheiros & Patrício, 2012; Dozier, Zeanah, Wallin & Shauffe, 2012; Little, Kohm & Thompson, 2005; MacLean, 2003; Nelson et al., 2014; Sainero, del Valle & Bravo, 2015). Com efeito, não obstante a vulnerabilidade social e psicológica amplamente reportadas na literatura (Kendrick, 2005; Magalhães et al., 2016; Nelson et al., 2014; Sinclair & Gibbs, 1998), é ainda escasso o conhecimento produzido acerca das representações e imagens veiculadas acerca desta população.

No entanto, os resultados dos estudos conduzidos até à data indicam que as Imagens Sociais associadas aos jovens acolhidos são maioritariamente negativas (Arpini, 2003; Calheiros et al., 2015; Kuznetsova, 2005; Wendt, Dullius & Dell’Aglia, 2017; Zappe, Yunes & Dell’Aglia, 2016). A literatura mostra, por exemplo, que os profissionais que contactam com jovens em Acolhimento Residencial não só detêm uma imagem negativa das instituições de acolhimento, como também dos jovens acolhidos (Arpini, 2003). Do mesmo modo, os resultados obtidos por Garrido et al. (2016) indicam que os profissionais que trabalham com crianças e jovens em risco tendem a reproduzir uma imagem social mais negativa do que indivíduos que não contactam com esta população. Especificamente, os profissionais percecionam estas crianças e jovens como mais tristes, menos competentes ou menos felizes, comparativamente com os participantes considerados “leigos” (i.e., que não trabalham com esta população). Tal evidência é particularmente crítica, na medida em que, a qualidade do serviço prestado em acolhimento, nomeadamente em termos de práticas profissionais, é uma dimensão fundamental para o sucesso da intervenção neste contexto. Com efeito, Arpini (2003) chama a

atenção para o facto deste tipo de imagens poder influenciar negativamente as práticas dos profissionais na área do acolhimento.

Adicionalmente, a literatura indica que as Imagem Sociais acerca dos jovens em Acolhimento Residencial são mais negativas do que a perceção acerca dos jovens que não se encontram acolhidos, sendo as crianças e os jovens acolhidos descritos através do uso de atributos negativos como “tristes”, “sozinhos”, “rebeldes”, entre outros (Garrido, Patrício, Calheiros & Lopes, 2016). Também Zappe et al. (2016) exploraram as Imagens Sociais de leigos e profissionais associadas a famílias com crianças e adolescentes acolhidos, a famílias com crianças e adolescentes não acolhidos e famílias com diferentes estatutos socioeconómicos. Os resultados apontam para uma diferença nas Imagens Sociais relativas a esse tipo de famílias, mais concretamente, Imagens Sociais negativas são mais associadas às famílias com crianças e adolescentes acolhidos e às famílias de baixo estatuto socioeconómico. Contudo, ao contrário dos resultados obtidos por Garrido e colaboradores (2016), este estudo não apresentou diferenças entre leigos e profissionais (Zappe et al., 2016). Já o estudo conduzido por Kuznetsova (2005), debruçou-se sobre as perceções das crianças que já tinham estado acolhidas por parte de indivíduos de diferentes profissões, incluindo profissionais que trabalham com esta população e estudantes universitários da área das humanidades. Os resultados indicam também uma predominância das Imagens Sociais negativas, sendo os atributos mais utilizados para descrever estes jovens os de “infeliz”, “pobre”, “sozinho” e “abandonado”. No que toca às imagens veiculadas pelos estudantes universitários provenientes da área das humanidades/ciências sociais, estas foram igualmente mais frequentemente negativas (e.g.; “sozinho”, “infeliz”, “pobre” “abandonado” e “ressentido”) (Kuznetsova, 2005).

Estes resultados sugerem, assim, a necessidade e pertinência de investimento científico neste domínio de investigação. Efetivamente, como referido anteriormente, a investigação sugere que a veiculação de Imagens Sociais negativas e estereotipadas parece estar relacionada com dificuldades ao nível da saúde física e mental dos jovens em contexto de Acolhimento Residencial (Sainero, del Valle & Bravo, 2015). Mais concretamente, as Imagens Sociais negativas apresentam um impacto negativo ao nível do desenvolvimento, construção da identidade e bem-estar das crianças e jovens acolhidos (Arpini, 2003; Kools, 1997). Adicionalmente, a literatura mostra que no caso específico dos adolescentes, essas imagens estereotipadas podem ter um impacto especialmente negativo. Tal explica-se pelo facto de a adolescência ser pautada por mudanças significativas, físicas e cognitivas, sendo uma fase de desenvolvimento com um papel importante na construção, reconstrução e consolidação da

identidade dos sujeitos (Woods, Kurtz Costes, & Rowley, 2005; Yeung & Martin, 2003). Também Armenta e Hunt (2009) referem que, no caso particular dos adolescentes, a percepção de discriminação tem impacto negativo na autoestima dos jovens, sendo que quanto maior a discriminação percebida, menor a autoestima (Armenta & Hunt, 2009). Por todas estas razões, importa compreender quais os fatores individuais e sociocognitivos que poderão estar associados à disseminação destas Imagens Sociais negativas dos jovens em Acolhimento Residencial.

2. Modelos teóricos e dimensões explicativas das Imagens Sociais

Atendendo à escassez de literatura especificamente desenvolvida no contexto das Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial e de modelos teóricos desenvolvidos neste contexto e sobre este tópico, importa considerar outras propostas teóricas e empíricas publicadas em contextos de investigação similares. Especificamente, a literatura centrada no preconceito tem vindo a providenciar evidência empírica e propostas teóricas que se afiguram úteis e pertinentes neste contexto. Com efeito, o preconceito envolve atitudes negativas para com os membros de um grupo específico, sendo os indivíduos julgados mediante e de acordo com a sua pertença a um grupo, através dos atributos associados ao mesmo, em vez dos seus atributos pessoais (Bäckströmand & Björklun, 2007). A esse respeito, van Dijk (1984) refere que o preconceito é também um fenómeno cognitivo e social, não sendo apenas uma emoção expressa acerca de um grupo social, mas ainda uma forma de representação social partilhada por membros de um grupo, adquirida através do processo de socialização (van Dijk, 1984). Deste modo, iremos explorar do ponto de vista teórico e empírico, na presente secção, variáveis e modelos explicativos que serão posteriormente testados nesta dissertação para explicar as Imagens Sociais dos jovens em Acolhimento Residencial.

2.1. Dominância Social

No contexto das teorias explicativas do preconceito surge consistentemente a Teoria de Dominância Social que descreve o modo como surgem e são mantidas as desigualdades sociais (Sidanius & Pratto, 1999). De acordo com Pratto, Sidanius e Levin (2006), as sociedades apresentam três sistemas de hierarquias nas relações intergrupais, que variam consoante o contexto cultural e o período histórico: um sistema baseado na idade, um sistema baseado no

género e ainda um sistema “arbitrário”, relacionado com questões como a nacionalidade, etnia, religião, poder, entre outros. Em linha com a Teoria da Dominância Social, alguns autores referem ainda que as hierarquias sociais são formadas no sentido de favorecer grupos dominantes face a grupos subordinados através da legitimação de mitos e ideologias sociais partilhadas (Pratto et al, 2006).

Com efeito, a Dominância Social consiste na orientação atitudinal perante as relações entre grupos (Pratto et al., 1994), envolvendo a preferência dos indivíduos por uma relação intergrupual mais hierárquica (e menos igualitária). De facto, teoricamente, o construto da Dominância Social envolve a preferência por hierarquias de dominância de grupos, i.e., a preferência pela manutenção de uma hierarquia opressiva na qual os grupos com um estatuto mais elevado dominam e controlam ativamente os grupos de estatuto inferior. Do mesmo modo, reflete a oposição à igualdade entre grupos através de crenças, políticas sociais e afinidade por ideologias que mantenham a desigualdade (Ho et al., 2015; Sidanius & Pratto, 1999). Assim, indivíduos com níveis de Dominância Social elevados tendem a favorecer ideologias e políticas que promovem as hierarquias, enquanto os indivíduos com níveis de Dominância Social reduzida tendem a favorecer políticas assentes na igualdade social (Pratto et al., 1994). Ainda mais especificamente, os indivíduos com níveis de Dominância Social elevada apresentam ideologias favoráveis à desigualdade entre grupos, assumindo papéis sociais nos quais a discriminação é espectável. Por outro lado, os indivíduos com níveis de Dominância Social reduzida apresentam ideologias favoráveis à redução da desigualdade entre grupos (Sidanius & Pratto, 1999).

Neste sentido e atendendo a estes argumentos teóricos, a literatura sugere que a orientação para a Dominância Social é um dos preditores mais importantes do preconceito face a diversos grupos em desvantagem social (Altemeyer, 1998; Ekehammar & Akrami, 2003; McFarland, 2010; Pratto et al., 1994). Mais concretamente, os estudos mostram que quanto maior a orientação do indivíduo para a Dominância Social, maior a probabilidade de discriminar imigrantes (Küpper, Wolf & Zick, 2010) e homossexuais (Whitley, 1999), assim como menor a probabilidade de seleccionar como membro da mesma equipa alguém de um grupo percecionado como inferior (Umphress, Simmons, Boswell & Triana, 2008).

2.2. Empatia

Apesar da multiplicidade de modelos conceptuais sobre o construto da Empatia, é genericamente consensual que este é multidimensional, envolvendo aspetos de natureza cognitiva e emocional (Davis, 1994; 2006). Assim, a Empatia pode ser vista como um fenómeno através do qual o indivíduo observa o outro e, em consequência dessa observação, experiencia alterações a nível dos seus pensamentos ou emoções. Especificamente, a resposta do indivíduo aos outros envolve, por um lado, os processos internos do observador e, por outro, os resultados tanto afetivos como não afetivos desses processos. O modelo proposto por Davis (1994) assenta no pressuposto de que um episódio empático típico consiste na exposição do observador a um alvo de Empatia e, na consequência dessa observação, decorre uma resposta (cognitiva, afetiva motivacional e/ou comportamental) no observador (Davis, 1994; 2006).

Na prática, um episódio empático traduz-se, de acordo com Pratto et al. (1994), na capacidade de tomada de perspetiva e, conseqüentemente, de demonstração de sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro. Empiricamente, a literatura tem vindo a revelar o papel da Empatia no preconceito e imagens estereotipadas, sugerindo que a tomada de perspetiva contribui para a diminuição de estereótipos referente aos outros grupos (Galinsky & Moskowitz, 2000; Todd, Bodenhausen & Galinsky, 2011) e que quanto maior a Empatia, maior a abertura do indivíduo à diversidade (Gerson & Neilson, 2014). Do mesmo modo, a Empatia influencia as atitudes perante outros grupos e é um fator importante na redução do preconceito (Shih, Stotzer & Gutiérrez, 2013). Desta forma, quanto maiores os níveis de Empatia, menor a probabilidade de os indivíduos apresentarem atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios face a homossexuais (Burke et al., 2015), assim como a refugiados e minorias étnicas (Bruneau, Cikara & Saxe, 2017; Finlay & Stephan, 2000; Morrison, Morrison & Borsa, 2014). Com efeito, estes resultados podem ser explicados pelo facto da tomada de perspetiva, bem como ter sentimentos de compaixão parece influenciar positivamente a imagem que temos do outro e potenciar assim a tolerância perante membros de outro grupo social (Batson et al, 1997).

Além disso, não só a Empatia tem sido identificada enquanto preditor de dimensões de preconceito, discriminação e imagens estereotipadas, como também emerge como uma das dimensões com maior poder preditivo da Dominância Social (Pratto et al., 1994; Sidanius, Pratto, Sinclair, & Van Laar, 1996). Mais concretamente, os estudos demonstram de forma consistente que a Empatia está negativamente associada à Dominância Social em diversos contextos (Bäckström & Björklun, 2007; McFarland, 2010). Por exemplo, os resultados obtidos

por Crawley e Suarez (2016), revelam que quanto maiores os níveis de Dominância Social, menores são os níveis de Empatia para com os indivíduos que cometeram um crime de atropelamento e fuga (Crawley & Suarez, 2016).

Para além destes resultados, é de salientar também que a literatura indica que, não só a Empatia prediz de forma significativa o preconceito generalizado, como a Dominância Social emerge enquanto mediadora nesta relação (Bäckströmand et al, 2007). Os modelos testados têm apontado não só a Dominância Social como um preditor forte do preconceito generalizado como também demonstram que a relação entre Empatia e preconceito é parcialmente mediada pela Dominância Social. Especificamente, níveis mais elevados de Empatia estão associados a níveis mais reduzidos de Dominância Social e a níveis mais reduzidos de preconceito generalizado (Bäckströmand et al., 2007).

2.3. Personalidade

A Personalidade pode ser definida como um conjunto de características que influenciam as semelhanças e as diferenças nos pensamentos, sentimentos e ações dos indivíduos (Maddi, 1972). No contexto das teorias da Personalidade, surge o Modelo dos Traços proposto por Costa e McCrae (1992). De acordo com os autores, a Personalidade pode ser organizada em cinco traços principais: 1) Extroversão, que diz respeito à quantidade e à intensidade das interações interpessoais, nível de atividade, necessidade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria; 2) Neuroticismo, que se refere à adaptação vs instabilidade emocional, identificando indivíduos com propensão para a desorganização emocional, ideias irrealistas e respostas de *coping* desadequadas; 3) Amabilidade, referente à qualidade da interação interpessoal num contínuo, envolvendo dimensões de compaixão e generosidade na relação com os outros; 4) Conscienciosidade, que diz respeito ao grau de organização, persistência e motivação no comportamento orientado para um objetivo; e, 5) Abertura à Experiência, associada à procura proativa de novas experiências, à apreciação da experiência por si própria, à tolerância e à exploração do não familiar (Costa & McCrae, 1992).

A literatura mostra que diferentes dimensões da Personalidade, tal como é conceptualizada pelo Modelo dos Traços, surgem como preditores significativos do preconceito (Ekehammar & Akrami, 2003; Sibley & Duckitt, 2008). Com efeito, os estudos sugerem que os diferentes traços de Personalidade parecem influenciar de forma diferente o preconceito, nomeadamente, revelando que são os traços de Amabilidade e de Abertura à Experiência que

surtem significativamente associados ao preconceito, comparativamente com os restantes traços (Ekehammar & Akrami, 2003; 2007). Especificamente, níveis mais elevados de Amabilidade e Abertura à Experiência estão associados a níveis mais reduzidos de preconceito (Ekehammar & Akrami, 2003; 2007).

Tal como descrito anteriormente ao nível da Empatia, também a Personalidade parece estar relacionada com a Dominância Social, influenciando-a de forma diferente consoante os traços. Neste sentido, a literatura acerca do papel das dimensões da Personalidade nas atitudes de Dominância Social revela que também a Abertura à Experiência e a Amabilidade surgem enquanto traços negativamente associados aos níveis de Dominância Social (Nicol & France, 2016), à semelhança do que ocorre na relação com o preconceito (Ekehammar & Akrami, 2003; 2007). Do mesmo modo, estes traços de Personalidade não só tendem a predizer significativamente os níveis de preconceito como esta relação parece ser mediada pela Dominância Social (Ekehammar, Akrami, Gylje & Zakrisson, 2004). Tendo em conta os pressupostos ligados aos traços de Personalidade assim como os dados sugeridos pela investigação, é compreensível que a Amabilidade e a Abertura à Experiência surjam na literatura associadas à Dominância Social e, conseqüentemente com o preconceito face a vários grupos. Mais concretamente, tal como referido, os traços de Amabilidade e Abertura à Experiência estão ligados à compaixão na relação com o outro e à tolerância face ao que não é familiar (Costa & McCrae, 1992).

Finalmente, importa referir que vários estudos demonstram relações significativas entre a Empatia e diferentes traços de Personalidade (Erlanger & Tsytsarev, 2012; Roopa & Joseph, 2007). Melchers et al. (2016), por exemplo, mostram que a Abertura à Experiência, a Amabilidade e a Conscienciosidade estão positivamente associados com níveis elevados de Empatia. Com efeito, os traços de Amabilidade e Abertura à Experiência emergem consistentemente relacionados com a Empatia, tal como sugerido por Song e Shi (2017), cujo trabalho revela que estes dois traços se relacionam positivamente com uma das dimensões da Empatia, nomeadamente com a Tomada de Perpetiva (Song & Shi, 2017).

Neste sentido, tendo em consideração estes pressupostos teóricos, mais concretamente relativos à Dominância Social, Empatia e Personalidade enquanto preditores de atitudes preconceituosas e imagens estereotipadas de diferentes grupos sociais e atendendo à escassez de investigação centrada nas Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial, importa refletir e explorar a forma como estas variáveis e modelos podem ser explicativos destas Imagens Sociais nesta população de jovens em risco.

Capítulo III - Problema e Objetivos do Estudo

Apesar de o modelo da Dominância Social ter sido amplamente estudado na psicologia social para explicar o preconceito (e.g., Bäckströmand et al., 2007), assim como o papel das variáveis individuais (Empatia e traços de Personalidade, especificamente a Amabilidade e a Abertura à Experiência) (Ekehammar & Akrami, 2003; Galinsky & Moskowitz, 2000; Nicol & France, 2016), a literatura não tem explorado estas questões considerando as Imagens Sociais de grupos em desvantagem social. Além disso, tal não tem sido explorado, especificamente, no que diz respeito aos jovens em Acolhimento Residencial enquanto grupo socialmente vulnerável. Com efeito, se a literatura sugere a necessidade de serem desenvolvidos e testados empiricamente modelos centrados em determinados grupos socialmente desfavorecidos (Crandall & Eshleman, 2003), tal esforço não tem sido efetuado no que diz respeito aos jovens acolhidos. No entanto, tal parece fundamental atendendo especificamente às evidências descritas previamente ao nível das Imagens Sociais predominantemente negativas referentes aos jovens em Acolhimento Residencial (Arpini, 2003; Garrido et al., 2016; Kuznetsova, 2005; Lopes et al., 2017).

Neste sentido, alguns autores referem não só a necessidade de aumentar a consciencialização de profissionais e leigos relativamente à disseminação destas Imagens Sociais negativas, assim como de atender às consequências e impacto que estas podem ter na vida das crianças e jovens acolhidos (Armenta & Hunt, 2009; Arpini, 2003; Kools, 1997). Assim, consideramos que importa explorar as Imagens Sociais atribuídas a esta população disseminadas por indivíduos que estão ainda em formação académica e, em particular, considerando aqueles que têm grande probabilidade de contactar futuramente com estas crianças e jovens. Com efeito, tal revela-se pertinente, na medida em que, poderá ter implicações para a prevenção de generalizações abusivas e representações negativas destes jovens, prevenindo também práticas profissionais desadequadas. Do mesmo modo, tal poderá ter um impacto significativo ao nível das políticas e estratégias de formação no Ensino Superior, nomeadamente em termos curriculares (i.e., ao nível do treino e da formação de competências de profissionais nesta área).

Por todos estes argumentos, propomos no presente trabalho testar um modelo integrativo explicativo das Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial (Figura 3.1), que reflete o papel das variáveis anteriormente apresentadas teoricamente e discutidas empiricamente. Neste sentido, o primeiro objetivo do presente estudo passa por explorar as Imagens Sociais veiculadas por estudantes universitários acerca das crianças e jovens em

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Acolhimento Residencial e, em particular, de que forma estas imagens emergem em estudantes de psicologia ao longo da sua formação (i.e., amostra com elevada probabilidade de vir a desenvolver a sua intervenção nesta área). Do mesmo modo, atendendo à necessidade de compreender quais os fatores que explicam estas Imagens Sociais e considerando que são escassos os estudos que se centram nas Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial, o segundo objetivo passa por testar o papel mediador da Dominância Social na relação entre a Empatia e a Personalidade e as Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial.

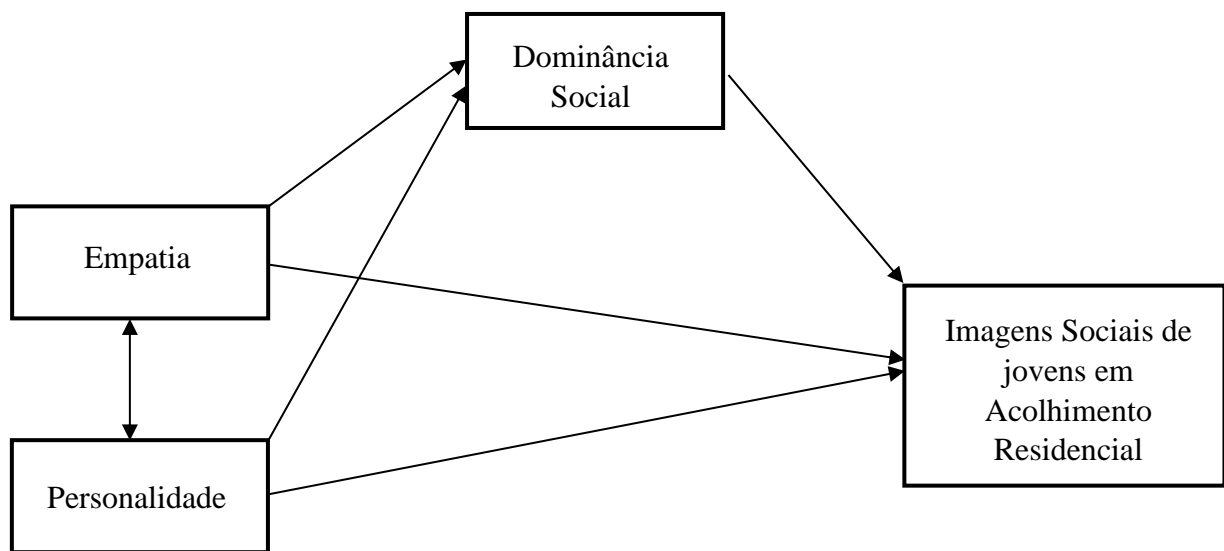


Figura 3.1. Modelo teórico: Papel mediador da Dominância Social na relação entre Empatia e Personalidade e as Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial

Capítulo IV – Método

1. Participantes

Neste estudo participaram um total de 490 estudantes universitários, dos quais 257 preencheram o questionário através de uma plataforma *online* e 233 preencheram o questionário em formato papel. Foram eliminados do estudo 156 sujeitos que não tinham preenchido pelo menos uma das escalas do questionário. Assim, a amostra final inclui um total de 334 participantes, maioritariamente do sexo feminino (74.3 %), com idades compreendidas entre os 17 e os 55 anos e uma média de idades de 22.21 ($DP = 5.24$).

A nacionalidade da grande maioria dos estudantes é portuguesa (95.8%), sendo 46.0% dos participantes naturais do distrito de Lisboa, seguido do distrito de Leiria (8.6%) e Setúbal (8.0%). Do ponto de vista académico, o último grau concluído pelos participantes é na sua maioria o Ensino Secundário (63.9%), encontrando-se atualmente 71.7% a frequentar uma licenciatura e a maioria a frequentar um curso da área das ciências sociais (69.4%). A maioria dos participantes (56.0%) são provenientes do curso de psicologia, seguidos dos estudantes de desporto (11.3%). No que toca ao envolvimento relacional dos participantes, a maioria são solteiros (60.7%) e dispõem de um rendimento médio mensal (associado ao agregado familiar) no intervalo de 1000€ e 1500€ por mês. A maioria dos participantes nunca teve contacto com jovens em Acolhimento Residencial (51.4%) (Anexo A).

2. Instrumentos

Para o presente estudo aplicou-se um questionário (Anexo C) direcionado apenas a estudantes universitários, com o intuito de avaliar as Imagens Sociais por estes veiculadas no que toca a jovens em Acolhimento Residencial, bem como à forma como estas imagens se relacionam com a Empatia, a Personalidade e a orientação para a Dominância Social dos participantes, apresentando se seguida os instrumentos utilizados.

2.1. Questionário sociodemográfico

De modo a caracterizar os participantes do estudo utilizámos um questionário sociodemográfico que compreendeu variáveis a diferentes níveis, nomeadamente variáveis individuais (e.g., idade, sexo), académicas (e.g., curso, ano curricular), socioeconómicas (e.g., rendimento, orientação política) e proximidade/relação com o contexto de Acolhimento

Residencial (e.g., contacto com jovens acolhidos, contexto de contato). Incluímos ainda uma questão aberta relativa às Imagens Sociais veiculadas pelos participantes relativa aos jovens em contexto de Acolhimento Residencial (“Qual é a primeira(s) ideia(s) / característica(s) que lhe vem à cabeça quando pensa num(a) jovem institucionalizado(a)?”).

2.2. Escala de Respostas Socialmente Desejáveis

Esta escala consiste na versão curta de Pechorro, Barroso, Silva, Marôco e Gonçalves (2016), originalmente criada por Hays, Hayashi e Stewart (1989) e tem como objetivo avaliar o construto da desejabilidade social. É constituída por cinco itens que são avaliados numa escala de 1 (“Totalmente verdadeiro”) a 5 (“Totalmente falso”), correspondendo as pontuações mais altas a níveis de desejabilidade social igualmente mais altos. A escala detém uma única dimensão com uma boa consistência interna ($\alpha = .73$) (Pechorro et al., 2016).

2.3. NEO-FFI

Esta escala (Magalhães et al., 2014), consiste numa versão curta construída a partir da versão portuguesa do NEO-PI-R (Lima & Simões, 1997; 2006), baseada na versão original de Costa e McCrae (1989). Esta versão reduzida é constituída por 60 itens, respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos de 0 (“Discordo fortemente”) a 4 (“Concordo fortemente”). O instrumento mede as cinco dimensões da Personalidade propostas pelo Modelo dos Traços de Costa e McCrae (1992), revelando na sua versão portuguesa níveis de consistência interna adequados para todas as dimensões: Conscienciosidade ($\alpha = .81$), Neuroticismo ($\alpha = .81$), Extroversão ($\alpha = .75$), Amabilidade ($\alpha = .72$) e Abertura à Experiência ($\alpha = .71$) (Magalhães et al., 2014).

2.4. Índice de Reatividade Interpessoal

Esta escala tem como intuito avaliar as dimensões cognitiva e afetiva da Empatia e corresponde à versão portuguesa (Limpo, Alves & Castro, 2010), originalmente desenvolvida por Davis (1980). A versão portuguesa é constituída por 24 itens distribuídos, tal como na versão original, por quatro fatores: Tomada de Perspetiva, Preocupação Empática, Desconforto

Pessoal e Fantasia; contudo, no presente estudo foram utilizados apenas 12 itens correspondentes aos fatores Tomada de Perspetiva (e.g., “De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros”) ($\alpha = .73$) e Preocupação Empática (e.g., “Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.”) ($\alpha = 0.76$). Esta opção privilegia uma medida breve do construto, salvaguardando, no entanto, a medição da Empatia teoricamente consistente com os objetivos do estudo. Os itens são respondidos numa escala que varia entre 1 (“Não descreve bem”) a 4 (“Descreve-me muito bem”) (Limpo et al., 2010).

2.5. Questionário de Avaliação das Imagens Sociais

Este questionário desenvolvido por Lopes et al. (2017) pretende medir as Imagens Sociais que os sujeitos apresentam acerca dos jovens em contexto de Acolhimento Residencial. O questionário inclui um total de 30 itens que correspondem a características/atributos avaliados numa escala que varia de 1 (“Não descreve nada este jovem”) a 5 (“Descreve muito bem este jovem”). A escala é composta por três dimensões: Triste e problemático (e.g., Traumatizado) ($\alpha = .90$); Feliz e cuidado (e.g., Protegido) ($\alpha = .86$); e Competente (e.g., Trabalhador) ($\alpha = .86$) (Lopes et al, 2017).

2.6. Escala de Orientação de Dominância Social

Esta escala corresponde à versão portuguesa da escala de orientação da Dominância Social, adaptada por Giger, Orgambidez-Ramos, Gonçalves, Santos e Gomes (2015), originalmente criada por Pratto et al. (1994) e é composta por 16 itens. Destes, oito itens correspondem a aspetos teoricamente relacionados com a igualdade (e.g., “Seria bom que todos os grupos pudessem ser iguais”) e os restantes oito itens correspondem à orientação para a dominância (e.g., “Alguns grupos de pessoas, simplesmente, são inferiores a outros grupos”). Os itens são avaliados numa escala de 1 (“Extremadamente negativo”) a 7 (“Extremadamente positivo”). A escala pode ser analisada de acordo com dois fatores - Orientação à Dominância Grupal ($\alpha = .83$) e Oposição à Igualdade ($\alpha = .88$); no entanto, no presente estudo será considerada uma dimensão global de Dominância Social ($\alpha = .89$), de forma consistente com a literatura prévia (Milfont & Sibley, 2016; Perry & Sibley, 2012; Pratto et al., 1994; Umphress, Simmons, Boswell & Triana, 2008).

3. Procedimentos

3.1. Recolha de dados

Antes de se proceder à recolha de dados para o presente estudo, foi realizado um teste piloto do protocolo com um total de seis participantes com o objetivo de aferir acerca da compreensão por parte dos participantes dos objetivos, formulação e clareza das questões, assim como da forma e estrutura do próprio protocolo de avaliação. Mais concretamente, três participantes preencheram o protocolo em formato papel e os restantes três em formato *online*, através do *software Qualtrics*, registando o seu *feedback*. A partir deste teste piloto e do respetivo *feedback* resultaram algumas alterações, especialmente do ponto de vista das instruções e ordem das escalas, que foram incorporadas no protocolo final.

À semelhança do teste piloto, a recolha de dados para este estudo foi feita tanto em formato papel como *online*, através do *software Qualtrics*. Antes de preencherem o questionário, os participantes providenciavam o seu consentimento informado (Anexo B), tendo sido para tal informados acerca dos objetivos do estudo e garantidos o anonimato e a confidencialidade.

3.2. Análise de dados

A análise de dados foi realizada com recurso ao *software IBM SPSS Statistics 24*, ao nível da estatística descritiva dos participantes, assim como das análises de correlação e testes de diferenças de médias entre grupos. Assim, inicialmente procedeu-se a uma análise cuidadosa dos dados recolhidos, tendo sido eliminados da amostra inicial (490 participantes), 156 sujeitos que não haviam preenchido todos os questionários necessários à realização deste estudo. De seguida, foram analisados os resultados obtidos pelos participantes (N=334) na escala de desejabilidade social. Especificamente, o procedimento realizado, à semelhança de estudos anteriores (Pechorro et al., 2016) envolveu a dicotomização dos itens da escala. Mais concretamente, as respostas correspondentes ao “Totalmente verdadeiro” foram cotados com “1” e os restantes itens foram cotados com “0” e feito o somatório dos itens. Foram eliminados os sujeitos cujo somatório dos itens revelava um valor igual ou superior a três, já que pontuações mais elevadas traduzem-se em níveis de desejabilidade social alta. Desta forma, foram eliminados mais 14 participantes, ficando a amostra com um total de 320 participantes para efeitos de análise do modelo proposto.

O modelo de mediação proposto foi testado com recurso ao *software* AMOS 21. Foi utilizada uma abordagem de *bootstrap* (95% - intervalos de confiança; *bias corrected bootstrapping*; 5000 reamostragens) para testar a significância dos efeitos indiretos no modelo de mediação (Shrout & Bolger, 2002). A avaliação do ajustamento do modelo foi realizada com base na análise de vários índices de ajustamento, atendendo aos seguintes critérios para considerar o modelo aceitável/adequado: CFI e GFI igual ou superior a .90 (Garson, 2012) e RMSEA menor que .08 (Schermelel-Engel, Moosbrugger, & Muller, 2003). Na secção de resultados serão apresentados os coeficientes estandardizados.

Já os dados obtidos através da questão de resposta aberta (i.e., “Qual é a primeira(s) ideia(s) / característica(s) que lhe vem à cabeça quando pensa num(a) jovem institucionalizado(a)?”), foram analisados através de um processo de análise qualitativa do conteúdo, envolvendo o agrupamento e categorização das características/ideias evocadas pelos participantes em função do seu significado, assim como em função de critérios linguísticos. Os resultados serão apresentados inicialmente para todos os participantes, descrevendo-se os dados obtidos para os participantes de cursos de ciências sociais vs ciências não sociais e, de seguida, apresentando da mesma forma especificamente para estudantes de psicologia de diferentes fases de formação superior.

Capítulo V- Resultados

1. Imagens Sociais veiculadas pelos estudantes universitários

De forma a compreender quais as Imagens Sociais veiculadas pelos participantes referentes aos jovens em Acolhimento Residencial, foram analisadas as características evocadas espontaneamente na questão aberta (“Qual é a primeira(s) ideia(s) / característica(s) que lhe vem à cabeça quando pensa num(a) jovem institucionalizado(a)?”). Após a exclusão das respostas sem relação com a questão colocada e especificamente os jovens em Acolhimento Residencial, foram analisadas um total de 474 características. As respostas foram organizadas e agrupadas tendo em conta o seu significado (e.g. “normal” e “pessoas como todas as outras”) e critérios linguísticos (e.g., “carente” e “carência”) num total de 142 características finais. Tendo em conta o interesse em compreender quais as Imagens Sociais veiculadas por indivíduos ainda em formação académica com grande probabilidade de contacto profissional com estes jovens, foi feita uma análise em função da área de estudos, i.e., de ciências sociais e não sociais, sendo incluídas na análise as características com uma frequência igual ou superior a três.

Os resultados revelaram que as Imagens Sociais veiculadas pelos estudantes universitários relativas aos jovens em Acolhimento Residencial são maioritariamente negativas e que as características evocadas com maior frequência são “sem família”, “problemático”, “órfão”, “família com problemas” e “necessidade de apoio”. Dentro do conjunto de características com maior frequência, apenas um atributo sem valência negativa (i.e., “normativo”) foi mencionado.

De forma mais específica, as características mais frequentemente evocadas pelos estudantes de ciências sociais foram “sem família”, “problemático” e “necessidade de apoio”. Os estudantes provenientes de áreas de estudo não sociais referiram também com mais frequência a imagem destes jovens como sendo “sem família”, mas ideias como “família com problemas” e “família sem condições para educar” surgem com maior frequência neste grupo. (Quadro 5.1).

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Quadro 5.1

Características mais frequentes atribuídas a jovens em Acolhimento Residencial pelos estudantes universitários de ciências sociais e ciências não sociais

Característica/Ideia	Amostra total		Ciências Sociais		Ciências não Sociais	
	F	%	F	%	F	%
Sem família	23	6.52	16	5.95	7	8.33
Problemático	22	6.23	19	7.06	3	3.57
Órfão	16	4.53	12	4.46	4	4.76
Família com problemas	16	4.53	8	2.97	8	9.52
Necessidade de apoio	16	4.53	13	4.83	3	3.57
Família sem condições para educar	15	4.25	9	3.35	6	7.14
Abandonado	14	3.96	9	3.35	5	5.95
Carente	14	3.96	12	4.46	2	2.38
Solitário	14	3.96	11	4.09	3	3.57
Sem suporte familiar	13	3.68	11	4.09	2	2.38
Com problemas socioeconômicos	12	3.40	9	3.35	3	3.57
Necessidade de afeto	12	3.40	10	3.72	2	2.38
Negligenciado	12	3.40	11	4.09	1	1.19
Revoltado	10	2.83	9	3.35	1	1.19
Normativo	10	2.83	8	2.97	2	2.38
Marginalizado	9	2.55	6	2.23	3	3.57
Necessidade de atenção	8	2.27	6	2.23	2	2.38
Vulnerável	7	1.98	7	2.60	-	0.00
Mau-trato	6	1.70	4	1.49	2	2.38
Frágil	6	1.70	4	1.49	2	2.38
Problemas relacionais	6	1.70	2	0.94	4	4.76
Família desestruturada	5	1.42	4	1.49	1	1.19
Com dificuldades	5	1.42	4	1.49	1	1.19
Casa de acolhimento	5	1.42	4	1.49	1	1.19
Vivências difíceis	5	1.42	4	1.49	1	1.19
Triste	5	1.42	4	1.49	1	1.19
Infeliz	4	1.13	2	0.74	2	2.38
Inseguro	4	1.13	4	1.49	-	0.00
Em risco	4	1.13	4	1.49	-	0.00

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Necessidade de proteção	4	1.13	3	1.12	1	1.19
Desconfiado	4	1.13	2	0.74	2	2.38
Lutador	4	1.13	2	0.74	2	2.38
Com apoio das instituições	4	1.13	3	1.12	1	1.19
Delinquente	4	1.13	3	1.12	1	1.19
Instabilidade	4	1.13	2	0.74	2	2.38
Desigualdade	4	1.13	3	1.12	1	1.19
Retirado à família	3	0.85	2	0.74	1	1.19
Baixa autoestima	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Desprotegido	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Desintegrado	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Dúvida	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Necessidades específicas	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Isolado	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Perturbações psicológicas	3	0.85	2	0.74	1	1.19
Falta de amor	3	0.85	3	1.12	-	0.00
Total	353	100	269	100	84	100

Nota: F= frequência de características/ideia; %= percentagem de características/ideia

1.1 Imagens Sociais veiculadas por estudantes de psicologia

Atendendo ao particular interesse sobre as Imagens Sociais de estudantes de psicologia decorrente do contexto em que esta dissertação se desenvolve, foi analisada uma sub-amostra da amostra total considerando apenas os estudantes de psicologia (n=183), a frequentar diferentes anos curriculares da sua formação. Assim, um total de 199 características/ideias, evocadas espontaneamente pelos participantes na questão aberta, foram analisadas. À semelhança dos procedimentos de análise das características evocadas pelos participantes na amostra total, foram eliminadas as respostas que não se referiam a ideias/características sobre os jovens em contexto de acolhimento. Assim, um total de 115 características/ideias foram agrupadas e organizadas tendo em conta critérios linguísticos e o seu significado, conforme referido acima. Foram incluídos na análise os atributos com três ou mais referências e analisada a frequência das ideias/características finais na amostra considerada, bem como em função do curricular frequentado. A análise em questão incluiu o 1º e o 3º ano de licenciatura em psicologia, bem como o 1º ano de mestrados em psicologia, sendo excluídos da análise os

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

alunos do 2º ano de licenciatura (n=20) e mestrado (n=15) devido ao número reduzido de participantes destes dois grupos (Quadro 5.2).

A análise sugere então que as Imagens Sociais dos jovens em Acolhimento Residencial, evocadas espontaneamente pelos estudantes de psicologia, são fundamentalmente de natureza negativa (Quadro 5.2), sendo os atributos mais frequentes “carente”, “em necessidade”, “abandonado”, “sem família” e “solitário”. Dentro do conjunto de características com maior frequência, apenas um atributo sem valência negativa (i.e., “normativo”) foi mencionado.

Tendo em conta o ano curricular, conseguimos observar que as ideias mais frequentemente mencionadas pelos estudantes do 1º ano da licenciatura são “carente”, “sem família” e “abandonado”. Já os estudantes do 3º ano da licenciatura, indicam com mais frequência os atributos “em necessidade”, “carente” e “marginalizado”. Por fim, os estudantes que frequentam o 1º ano do mestrado evocam com maior frequência os atributos “vulnerável”, “problemático” e “em necessidade” (Quadro 5.2).

Quadro 5.2

Características mais frequentes atribuídas a jovens em Acolhimento Residencial pelos estudantes de psicologia

Característica/ Ideia	Amostra total		1º Ano		3º Ano		1º Ano	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Carente	11	12.64	7	14.29	3	12.50	1	7.14
Em necessidade	9	10.34	3	6.12	4	16.67	2	14.29
Sem família	8	9.20	6	12.24	2	8.33	-	0.00
Abandonado	7	8.05	6	12.24	1	4.17	-	0.00
Solitário	7	8.05	4	8.16	1	4.17	2	14.29
Sem suporte familiar	7	8.05	5	10.20	2	8.33	-	0.00
Negligenciado	6	6.90	3	6.12	2	8.33	1	7.14
Órfão	6	6.90	4	8.16	2	8.33	-	0.00
Revoltado	6	6.90	3	6.12	2	8.33	1	7.14
Vulnerável	6	6.90	1	2.04	1	4.17	4	28.57
Com problemas socioeconómicos	5	5.75	4	8.16	1	4.17	-	0.00
Marginalizado	3	3.45	-	0.00	3	12.50	-	0.00

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Problemático	3	3.45	-	0.00	0	0.00	3	21.43
Normativo	3	3.45	3	6.12	0	0.00	-	0.00
Total	87	100	49	100	24	100	14	100

Nota: F= frequência de características/ideia; %= percentagem de características/ideia

2. O papel mediador da Dominância Social na relação entre Empatia, Personalidade e Imagens Sociais

2.1. Diferenças nas variáveis analisadas no modelo de mediação em função do sexo dos participantes

As variáveis Imagens Sociais, Empatia, Personalidade e Dominância Social foram analisadas tendo em conta o sexo dos participantes. Os resultados mostram que existem diferenças estatisticamente significativas em algumas destas variáveis, mais concretamente, que os participantes do sexo feminino apresentam médias superiores na dimensão Triste e problemático das Imagens Sociais, nas cinco dimensões de Personalidade - Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade, bem como em ambas as dimensões da Empatia, i.e., Preocupação Empática e Tomada de Perspetiva. Os participantes do sexo masculino apresentam uma média superior apenas na dimensão da Dominância Social (Quadro 5.3).

Quadro 5.3

Diferenças de médias ao nível das Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia em função do sexo dos participantes

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	t (p-value)
Triste e problemático	Feminino	225	44.23	9.19	2.415 (.017)
	Masculino	84	40.85	11.54	
Feliz e cuidado	Feminino	231	19.65	4.77	-.677 (.499)
	Masculino	81	20.07	5.28	
Competente	Feminino	227	35.23	5.98	.395 (.693)
	Masculino	82	34.93	6.15	
Dominância Social	Feminino	230	31.23	12.41	-3.997 (.000)
	Masculino	81	37.94	14.53	

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Neuroticismo	Feminino	159	28.71	7.37	4.829 (.000)
	Masculino	61	23.36	7.33	
Extroversão	Feminino	142	33.27	6.13	2.387 (.018)
	Masculino	60	30.95	6.71	
Abertura à Experiência	Feminino	142	29.37	6.11	2.024 (.044)
	Masculino	60	27.50	5.75	
Amabilidade	Feminino	210	32.49	4.52	3.140 (.002)
	Masculino	77	30.58	4.66	
Conscienciosidade	Feminino	212	34.94	7.51	2.729 (.007)
	Masculino	78	32.27	7.09	
Tomada de Perspetiva	Feminino	231	18.90	3.78	2.709 (.007)
	Masculino	83	17.54	4.23	
Preocupação Empática	Feminino	231	18.99	3.48	5.491 (.000)
	Masculino	83	16.47	3.87	

2.2. Diferenças nas variáveis analisadas no modelo de mediação em função do padrão de contactos dos participantes com jovens em Acolhimento Residencial

As variáveis Imagens Sociais, Empatia, Personalidade e Dominância Social foram também analisadas atendendo ao padrão de contactos dos participantes com jovens em Acolhimento Residencial (i.e., nunca teve contacto *vs* já teve/tem contacto). Os resultados apontam para diferenças estatisticamente significativas ao nível das dimensões da Personalidade de Abertura à Experiência e da Extroversão, assim como na dimensão de Preocupação Empática. Mais concretamente, os participantes que têm ou já tiveram contacto com jovens em Acolhimento Residencial apresentam uma média superior nestas dimensões comparativamente com os participantes que nunca tiveram contacto com estes jovens (Quadro 5.4).

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Quadro 5.4

Diferenças de médias ao nível das Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia em função do padrão de contactos com os jovens em Acolhimento Residencial

	Padrão de Contactos	N	Média	Desvio Padrão	t (p-value)
Triste e problemático	Sim	149	42.90	10.10	-.938 (.349)
	Não	150	43.98	9.81	
Feliz e cuidado	Sim	151	20.23	4.81	1.661 (.098)
	Não	151	19.29	5.02	
Competente	Sim	147	35.45	6.19	.810 (.418)
	Não	151	34.88	5.92	
Dominância Social	Sim	145	32.23	12.35	-0.742 (.459)
	Não	155	33.36	13.99	
Neuroticismo	Sim	98	27.43	7.47	.320 (.749)
	Não	114	27.09	7.93	
Extroversão	Sim	93	33.66	5.44	2.250 (.026)
	Não	104	31.63	7.13	
Abertura à Experiência	Sim	92	29.79	5.15	2.076 (.039)
	Não	104	28.03	6.72	
Amabilidade	Sim	131	32.17	4.53	.579 (.563)
	Não	146	31.84	4.79	
Conscienciosidade	Sim	140	34.00	7.08	-.112 (.911)
	Não	139	34.10	7.89	
Tomada de Perspetiva	Sim	148	18.63	3.88	.626 (.532)
	Não	156	18.35	3.97	
Preocupação Empática	Sim	149	18.75	3.59	1.982 (.048)
	Não	155	17.89	3.91	

2.3. Diferenças nas variáveis analisadas no modelo de mediação em função da área de formação dos participantes

As variáveis Imagens Sociais, Empatia, Personalidade e Dominância Social foram também analisadas considerando a área de formação dos participantes, mais concretamente, tendo em conta se os estudantes universitários frequentam um curso das ciências sociais (e.g.: psicologia, sociologia, serviço social) ou das ciências não sociais (e.g.: desporto, finanças, biologia). Os resultados revelam diferenças estatisticamente significativas, mais concretamente, os estudantes de ciências sociais apresentam médias superiores na dimensão Triste e problemático das Imagens Sociais, assim como na dimensão Abertura à Experiência da Personalidade e Tomada de Perspetiva da Empatia. Pelo contrário, os estudantes provenientes de ciências não sociais, revelam médias mais elevadas na dimensão Feliz e cuidado das Imagens Sociais, bem como na dimensão da Dominância Social (Quadro 5.5).

Quadro 5.5

Diferenças de médias ao nível das Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia em função da área de formação dos participantes

	Área de Formação	N	Média	Desvio Padrão	t(p-value)
Triste e problemático	Ciências Sociais	213	45.04	8.68	3.963 (.000)
	Ciências Não Sociais	99	40.04	11.07	
Feliz e cuidado	Ciências Sociais	213	19.16	4.42	-3.136 (.002)
	Ciências Não Sociais	99	20.96	5.33	
Competente	Ciências Sociais	213	35.12	5.70	-.354 (.724)
	Ciências Não Sociais	99	35.37	6.29	
Neuroticismo	Ciências Sociais	213	25.67	5.62	.873 (.384)
	Ciências Não Sociais	99	24.92	7.72	
Extroversão	Ciências Sociais	213	30.42	4.53	-.964 (.336)
	Ciências Não Sociais	99	31.04	6.58	
Abertura à Experiência	Ciências Sociais	213	29.49	4.96	2.548 (.012)
	Ciências Não Sociais	99	27.77	5.79	
Amabilidade	Ciências Sociais	213	32.41	4.66	1.667 (.097)
	Ciências Não Sociais	99	31.44	5.01	

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Conscienciosidade	Ciencias Sociais	213	33.28	7.36	1.326 (.187)
	Ciências Não Sociais	99	32.12	6.80	
Tomada de Perpetiva	Ciencias Sociais	213	17.75	3.24	2.56 (.011)
	Ciências Não Sociais	99	16.57	4.00	
Preocupação Empática	Ciencias Sociais	213	17.95	3.60	1.46 (.144)
	Ciências Não Sociais	99	17.29	3.82	
Dominância Social	Ciencias Sociais	213	31.64	11.77	-2.613 (.010)
	Ciências Não Sociais	99	36.16	15.21	

2.4. Análise das correlações

Foi feita uma análise de correlações entre as variáveis que foram incluídas no modelo de mediação, a idade e a orientação política. Verificámos que, no que toca à idade dos participantes, os resultados mostram que a idade se correlaciona positivamente com a Conscienciosidade e negativamente com o Neuroticismo. Já os resultados referentes à orientação política, revelam que quanto mais à direita se posicionam os participantes, menores são os níveis de Abertura à Experiência e maiores são os níveis de Dominância Social.

Os resultados mostram também que as duas dimensões de Empatia se encontram correlacionadas de forma significativa com a Personalidade e a Dominância Social, mais concretamente, estas surgem positivamente associadas às dimensões de Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade e negativamente à Dominância Social. Adicionalmente, a Preocupação Empática correlaciona-se positivamente com o Neuroticismo.

A Empatia encontra-se ainda significativamente correlacionada com as Imagens Sociais, estando a dimensão Preocupação Empática positivamente associada à dimensão Competente. Do mesmo modo, a Personalidade emerge significativa e negativamente associada à Dominância Social – especificamente as dimensões de Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade – e positivamente às Imagens Sociais positivas – especificamente a Extroversão e a Amabilidade associam-se significativamente com a dimensão Feliz e cuidado. Finalmente, a Dominância Social emergiu significativa e negativamente correlacionada com a dimensão Competente das Imagens Sociais (Quadro 5.6).

Quadro 5.6.

Correlações entre as Imagens Sociais, Dominância Social, Personalidade e Empatia, idade e orientação política

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1.Idade		-.059	.040	.062	.038	-.088	-.053	-.058	-.206**	.065	.114	.084	.223***
2.Orientação Política			-.094	-.106	-.037	.002	.057	.147*	-.094	.040	-.185***	-.032	.065
3.TP				.381***	.023	.002	.028	-.222***	-.064	.088	.346***	.345***	.220***
4.PE					.072	.030	.129*	-.352***	.207**	.113	.293***	.403***	.189**
5.Triste						-.650***	-.302***	.047	.122	-.084	-.028	-.042	-.034
6.Feliz e Cuidado							.426***	.000	-.096	.203**	.073	.121*	.048
7.Competente								-.149**	.064	-.011	.111	.104	.051
8.Dominância Social									-.017	-.040	-.339***	-.348***	-.136*
9.Neuroticismo										-.427***	-.067	-.222***	-.186**
10.Extroversão											.151*	.302***	.209**
11. Abertura												.130	.004
12.Amabilidade													.276***
13.Conscienciosidade													

Nota: TP=Tomada de Perspetiva; PE=Preocupação Empática; Triste= Triste e problemático; Abertura=Abertura à experiência.
*p <.05; **p <.01; ***p<.001.

2.5. Modelo de mediação

A partir das correlações e diferenças de médias analisadas previamente, verificámos um conjunto de diferenças estatisticamente significativas, particularmente no que concerne a variável mediadora e às dependentes. Por esse motivo, o modelo de mediação foi testado controlando para a idade, sexo, área de formação (ciências sociais vs não sociais) e orientação política. O modelo (N=312) revela indicadores de ajustamento considerados adequados ($\chi^2/df=3.27$, $p<.001$; GFI = .96; CFI = .90; RMSEA = .085; CI90% [.068; .104]) e os resultados revelam um conjunto de efeitos significativos, diretos e indiretos.

Foram encontrados efeitos indiretos, mas não de mediação (i.e., sem efeitos totais significativos) nas seguintes relações: Preocupação Empática e Competência ($\beta= .017$, $SE= .012$, $p<.05$), Amabilidade e Competência ($\beta= .021$, $SE= .015$, $p<.10$), e Abertura à Experiência e Competência ($\beta= .022$, $SE= .015$, $p<.10$). Assim, níveis mais elevados de Amabilidade, Abertura à Experiência e Preocupação Empática estão relacionados com níveis também mais elevados de uma imagem social dos jovens em acolhimento como sendo competentes, apenas através do papel indireto da Dominância Social (i.e., níveis mais elevados das três variáveis independentes estão associados a níveis mais reduzidos de uma orientação para a Dominância

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Social, e níveis mais elevados de Dominância Social estão associados a níveis mais reduzidos na respetiva variável dependente). No que diz respeito aos efeitos diretos das variáveis independentes nas dependentes, tal como descrito na Figura 5.1, estes foram encontrados na relação entre a Extroversão e a dimensão Feliz e cuidado das Imagens Sociais. Neste sentido, níveis mais elevados de Extroversão estão associados a uma imagem social dos jovens mais positiva, nomeadamente, considerando-os mais felizes e cuidados.

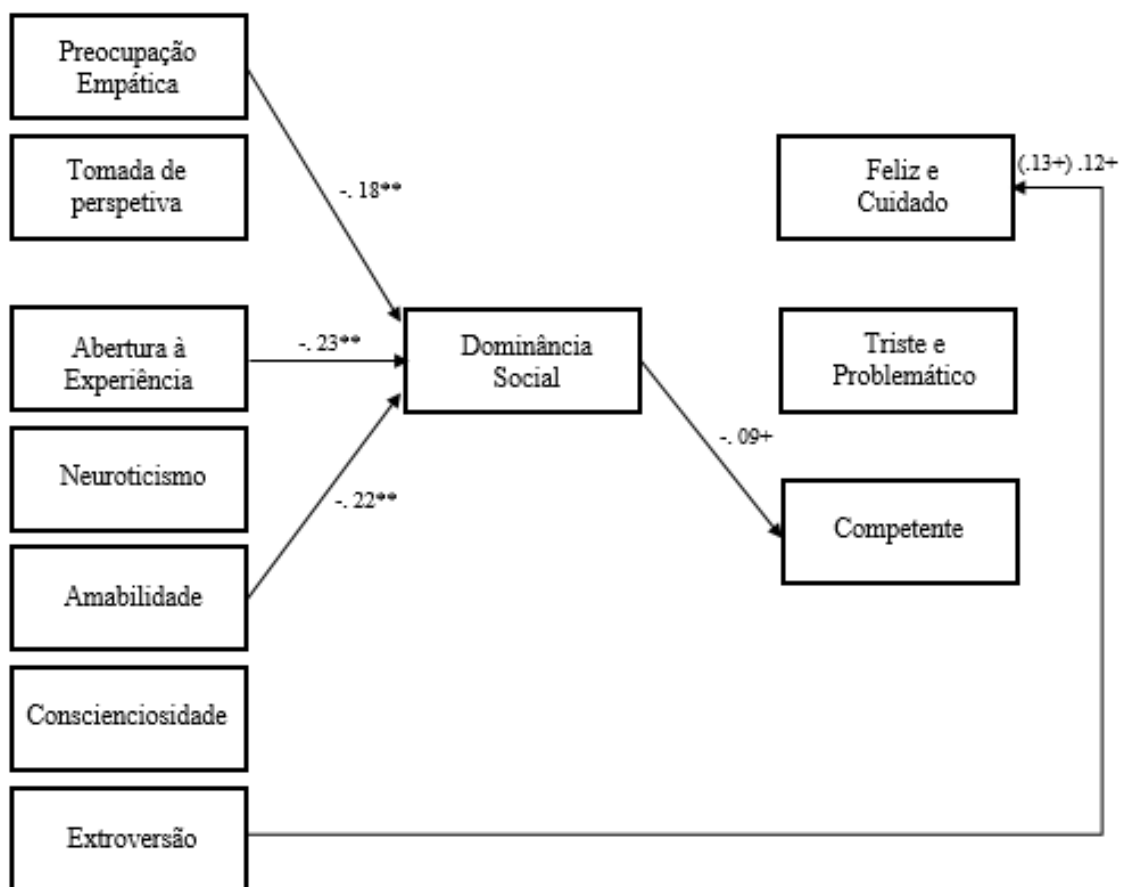


Figura 5.1. Modelo de mediação da Dominância Social na relação entre Personalidade, Empatia e Imagens Sociais

VI - Discussão

A partir da revisão de literatura efetuada verificámos que a investigação sobre as Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial é ainda escassa, nomeadamente, no que diz respeito ao teste de modelos explicativos destas imagens. Deste modo, no presente estudo pretendeu-se explorar as Imagens Sociais deste grupo em particular desvantagem social, especificamente por parte de estudantes universitários, com particular interesse naqueles que frequentam cursos com elevada probabilidade de desenvolver a sua intervenção nesta área (i.e., estudantes de psicologia). Adicionalmente, este estudo teve como objetivo testar um modelo explicativo das Imagens Sociais, englobando variáveis amplamente exploradas na literatura do preconceito: Empatia, Personalidade e Dominância Social (Bäckström & Björklun, 2007; Ekehammar & Akrami, 2003; McFarland, 2010; Nicol & France, 2016; Pratto et al., 1994; Sidanius, Pratto, Sinclair & Van Laar, 1996).

1. As Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial

Os resultados do presente estudo mostraram que, de um modo geral, os estudantes universitários detêm maioritariamente Imagens Sociais negativas destes jovens, à semelhança dos resultados obtidos por estudos anteriores (Calheiros et al., 2015; Garrido et al., 2016; Kuznetsova, 2005). Especificamente, quando questionados sobre as ideias e características que emergem quando pensam neste grupo de jovens, os participantes tendem a referir com maior frequência atributos como “sem família”, “problemático”, “órfão”, “família com problemas” e “família sem condições para educar”.

De forma mais particular, os estudantes de psicologia, por exemplo, quando pensam em jovens acolhidos, referem características centradas no jovem acolhido (e.g.: “carente”, “em necessidade” e “abandonado”). Ao comparar ainda os atributos referidos consoante a área de formação podemos perceber que os atributos mais frequentemente evocados pelos estudantes provenientes de ciências sociais são focados na ausência dos pais (e.g.: “sem família”), assim como em características do próprio jovem (e.g.: “problemático” e “necessidade de apoio”), enquanto que os estudantes provenientes de áreas de formação não sociais referem ideias ligadas à família (e.g.: “sem família”, “família com problemas” e “família sem condições para educar”). Para além da natureza maioritariamente negativa dos atributos que os estudantes evocam espontaneamente na questão aberta, o conteúdo das características mais frequentemente referidas vão no mesmo sentido dos estudos anteriores que exploraram as

imagens associadas a estes jovens. No estudo de Kuznetsova (2005), por exemplo, os atributos mais predominantemente evocados pelos indivíduos foram “infeliz”, “pobre”, “sozinho” e “abandonado”. O conteúdo dos atributos mais predominantemente revelados no estudo de Garrido e colaboradores (2016) vão também no mesmo sentido, já que os jovens são caracterizados maioritariamente com os atributos “tristes” e “sozinhos”, indo ao encontro dos atributos e do conteúdo das características evocados pelos estudantes no presente estudo, nomeadamente, “infeliz”, “com problemas socioeconómicos”, “solitário” e “abandonado”. Da mesma forma, as características “inseguro” e “carente” surgem como mais frequentemente evocados nos resultados apresentados por Lopes et al. (2017), em linha com as imagens associadas aos jovens acolhidos no presente estudo.

Alguns dos atributos associados a esta população que têm surgido nos estudos anteriores, bem como algumas características evocadas espontaneamente pelos estudantes no presente estudo são consistentes com os fatores de risco que a literatura identifica nestes jovens e respetivas famílias (Hagaman, Trout, Chmelka, Thompson & Reid, 2010; Zappe, Yunes & Dell’Aglia, 2016). Especificamente, referimo-nos a ideias como “negligenciado”, “em risco” e “mau trato”, assim como às ideias de “família com problemas”, “família sem condições” e “família desestruturada”, consistentes com as experiências de abuso e negligência experienciados. Contudo, sabemos também que os jovens acolhidos são uma população heterogénia, que apresenta fatores de risco e proteção, bem como necessidades diferentes (Calheiros et al, 2016). Desta forma, a falta de evocação de atributos de valência positiva por parte dos estudantes universitários revela uma visão redutora, negativa e generalizada dos jovens e da sua identidade, o que pode ter um impacto negativo no desenvolvimento destes jovens e influenciar as suas práticas profissionais no futuro, no caso dos estudantes com probabilidade de contactar com esta população.

2. O papel mediador da Dominância Social na relação entre Empatia, Personalidade e Imagens Sociais

O teste do modelo de mediação no presente estudo revelou que, ao contrário de algumas evidências reportadas na literatura (Bäckström & Björklín, 2007; Ekehammar & Akrami, 2003), não se verificaram efeitos de mediação estatisticamente significativos. Contudo, foram observados efeitos diretos e indiretos estatisticamente significativos. Especificamente, verificámos que a Preocupação Empática, Amabilidade e Abertura à Experiência apresentaram

efeitos indiretos na dimensão Competente das Imagens Sociais através do papel da Dominância Social. Assim, níveis elevados de Empatia, Amabilidade e Abertura à Experiência emergem associados a níveis mais reduzidos de Dominância Social e a uma perceção dos jovens acolhidos como mais competentes. De facto, a Preocupação Empática é a dimensão da Empatia que parece amenizar o posicionamento dos indivíduos centrado no domínio de outros grupos e está associada a sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro (Pratto et al, 1994), o que por sua vez permitirá perceber de forma mais positiva e menos negativa grupos em desvantagem social. Com efeito, atitudes de maior preocupação e compaixão pelas necessidades dos outros emergem associadas a orientações atitudinais mais centradas nos princípios da igualdade nas relações intergrupais e menos a preferências por hierarquias de dominância de grupos (Pratto et al., 1994; Sidanius et al., 1996). Mais concretamente, este efeito indireto da Dominância Social é consistente com os estudos de Bäckström e Björklund (2007), sobre a relação entre a Empatia e o preconceito generalizado, nomeadamente, os resultados destes autores apontam não só para o facto de a Dominância ser um preditor forte do preconceito, mas também para que a relação entre a Empatia e o preconceito seja mediada por esta variável. Deste modo, o facto de os indivíduos serem capazes de se colocar no lugar/situação do outro parece estar relacionado com posicionamentos menos preconceituosos através de um mecanismo que envolve um posicionamento de maior igualdade entre os grupos e menor Dominância Social. De facto, não só a Empatia pode estar associada à redução do preconceito e imagens estereotipadas dos outros (Galinsky & Moskowitz, 2000; Shih et al., 2013; Todd et al., 2011), assim como surgir associada a uma maior abertura para a diversidade (Gerson & Neilson, 2014). Assim, quanto mais os estudantes revelam posicionamentos empáticos, menor o seu posicionamento de oposição à igualdade e de uma hierarquia opressiva e maior a disponibilidade para perspetivar os jovens em Acolhimento Residencial como uma população com características positivas, competências e aptidões.

Do mesmo modo, os efeitos indiretos da Amabilidade e da Abertura à Experiência podem ser compreendidos à luz da literatura que sugere que a Amabilidade está relacionada com a capacidade dos indivíduos revelarem generosidade na relação com os outros e a Abertura à Experiência com a capacidade de revelar maior tolerância e exploração do não familiar (Costa & McCrae, 1992). Assim, verificámos que quanto maior a generosidade, compaixão na relação com o outro, tolerância do que não é familiar, procura ativa por experiências novas e expressão de ideais mais liberais (Costa & McCrae, 1992; Nicol & France, 2016), menor o posicionamento dos sujeitos para a desigualdade social e Dominância Social (Nicol & France, 2016) e maior a disponibilidade para perspetivarem os jovens como competentes. Com efeito,

níveis de Dominância Social baixos envolvem a preferência por parte dos indivíduos por posicionamentos de maior igualdade social e desvalorização de hierarquias sociais (Pratto, et al., 1994). Além disso, a literatura tem evidenciado de forma consistente que estes dois traços de Personalidade são preditores da Dominância Social, comparativamente com a ausência de efeitos obtidos nos restantes traços de Personalidade (Ekehammar et al., 2004; Ho et al, 2015; Nicol & France, 2016). Além destes efeitos indiretos, o efeito direto da Extroversão na dimensão Feliz e cuidado está também em linha com a literatura uma vez que esta dimensão da Personalidade está associada à qualidade de interações interpessoais assim como com a expressão de felicidade (Costa & McCrae, 1992).

Finalmente, importa salientar que o presente modelo de mediação foi testado controlando para os efeitos do sexo, idade, orientação política, padrão de contactos e área de formação. Com efeito, à semelhança de estudos anteriores que abordam a relação entre os traços de Personalidade e a idade (Magalhães, et al., 2014; Srivastava, John, Gosling & Potter, 2003), os resultados neste estudo sugerem que quanto maior a idade dos estudantes, maiores os níveis de Conscienciosidade e menores os níveis de Neuroticismo apresentados.

Além disso, conforme estudos anteriores, as mulheres parecem ser mais empáticas e tolerantes face à diferença do que os homens (Butrus & Witenberg 2013; Melchers, Li, Haas, Reuter, Bischoff & Montag, 2016; Milfont & Sibley, 2015), demonstrando também diferenças relativamente aos homens nos traços de Personalidade. Mais concretamente, neste estudo as mulheres revelam níveis mais elevados de Abertura à Experiência, Amabilidade, Extroversão e Conscienciosidade do que os homens, que pode ser explicado pelas expectativas sociais relativas ao comportamento das mulheres; e maiores níveis de Neuroticismo, que pode relacionar-se com a maior prevalência de sentimentos de depressão e ansiedade nas mulheres (Magalhães et al., 2014; Melchers et al., 2016). Ao contrário do estudo conduzido por Lopes et al. (2017), cujos resultados não evidenciam diferenças de sexo no que toca às dimensões das Imagens Sociais, no presente estudo, as mulheres parecem perceber os jovens como mais tristes e problemáticos quando comparados com os homens (Lopes et al., 2017). Os homens pontuam níveis significativamente mais altos apenas na dimensão da Dominância Social quando comparadas com as mulheres, o que é consistente com a literatura (Sidanius & Pratto, 1999), cujas evidências apontam para o facto de os homens preferirem ideais mais desigualitários do que as mulheres (Ekehammar & Akrami, 2003).

Ao contrário das evidências prévias (Arpini, 2003; Garrido et al., 2016) não foram encontradas diferenças significativas nas Imagens Sociais em função do padrão de contacto. Não obstante, foram observadas diferenças em função da área de formação, o que parece sugerir

que as Imagens Sociais variam mais em função das características individuais (i.e., Personalidade e Empatia) e dos conhecimentos obtidos em contexto académico, do que do contacto com a população. Mais concretamente, à semelhança dos estudos que comparam os profissionais com os leigos (Garrido et. al, 2016), os resultados referentes à área de formação demonstram que os estudantes provenientes de áreas de estudo sociais parecem perceber os jovens como mais tristes e problemáticos do que os estudantes de áreas ligadas às ciências não sociais que, pelo contrário, percebem os jovens como mais felizes. Uma explicação possível para estes resultados pode estar ligada ao facto dos estudantes provenientes das ciências sociais terem um maior acesso a informação e conhecimentos no que concerne aos fatores de risco e às dificuldades apresentadas pelos jovens e respetivas famílias reportadas na literatura. Desta forma, estes poderão não contemplar a possibilidade de fatores de proteção, percursos resilientes e de dimensões positivas de funcionamento desta população, conduzindo-os a generalizações abusivas e maioritariamente negativas. Além disso, os estudantes das áreas sociais revelam níveis superiores de Abertura à Experiência e Tomada de Perspetiva, enquanto, os estudantes provenientes de ciências não sociais, revelam maiores níveis de Dominância Social, o que, mais uma vez, pode estar relacionado com a exposição destes estudantes a conteúdos e temáticas diferentes durante a sua formação (i.e., mais centrados no comportamento empático no caso dos estudantes das ciências sociais).

Finalmente, e à semelhança de estudos anteriores, verificámos que indivíduos com níveis elevados de Dominância Social tendem a apresentar posicionamentos políticos mais à direita, consistentes com políticas mais desigualitárias, discriminatórias e conservadoras (Pratto et al., 1994). Tendo por base os pressupostos teóricos da Teoria da Dominância Social, compreendemos assim a relação encontrada neste estudo entre uma orientação política mais de direita e níveis mais reduzidos de Abertura à Experiência, tendo em conta que esta dimensão envolve tolerância perante os outros (Costa & McCrae, 1992; Pratto et al., 1994), incompatível com atitudes preconceituosas e desigualitárias.

3. Implicações para a prática e investigação

Os resultados deste estudo revelam que as Imagens Sociais dos estudantes universitários perante os jovens em Acolhimento Residencial são maioritariamente negativas, independentemente da área de estudos, e incluindo as dos estudantes universitários de psicologia. De facto, os estudos indicam que a veiculação desse tipo de imagens pode ter um

impacto igualmente negativo no desenvolvimento dos indivíduos e particularmente nos jovens/adolescentes (Arpini, 2003; Kools, 1997). Na prática e especialmente o facto dos estudantes em áreas com grande probabilidade de contacto profissional com os jovens acolhidos (i.e., ciências sociais) serem negativas pode influenciar as suas práticas profissionais e constituir um fator acrescido de vulnerabilidade. Nesse sentido, os resultados sugerem a necessidade de sensibilização para estas questões e de inclusão de temáticas relativas às Imagens Sociais negativas assim como ao impacto que estas possam ter no bem-estar destes jovens na formação académica dos estudantes universitários, especialmente nas áreas de formação ligadas às ciências sociais.

Do mesmo modo, o teste do modelo de mediação permitiu compreender que a Empatia, nomeadamente a dimensão correspondente à Tomada de Perspetiva, assim como os traços de Personalidade de Amabilidade e Abertura à Experiência predizem as Imagens Sociais (i.e., dimensão Competente) através da Dominância Social. Adicionalmente, também o traço de Extroversão consta como preditor das Imagens Sociais, nomeadamente, da dimensão Feliz e cuidado. Assim, seria importante desenvolver esforços no sentido de incluir/melhorar as oportunidades de treino das capacidades empáticas durante a formação no Ensino Superior, bem como das dimensões e conteúdos associados aos traços de Personalidade - Amabilidade e Abertura à Experiência. Mais concretamente, tendo em conta que estas dimensões são competências sociais essenciais na prática profissional em contexto de intervenção social e comunitária, seria importante promover representações construtivas, positivas e igualitárias dos grupos em desvantagem social a partir do treino de competências ao nível da qualidade das relações interpessoais, de atitudes, posicionamentos de igualdade e valorização do outro, bem como consciencializar os estudantes sobre a estigmatização de que os jovens acolhidos são alvo e o impacto que esta pode ter no seu desenvolvimento.

Apesar da pertinência e inovação dos resultados aqui apresentados, importa identificar algumas limitações. A análise qualitativa das Imagens Sociais dos estudantes de psicologia não incluiu todos os anos de formação (i.e., o 2º ano da licenciatura e o 2º do mestrado) por questões relacionadas com o tamanho da amostra, pelo que no futuro seria importante analisar as Imagens Sociais tendo em conta todos os anos curriculares e analisar a evolução destas imagens desde a entrada no Ensino Superior até à sua saída. Contudo, a análise não deixou de se focar nos anos curriculares que consideramos “chave” na formação, i.e., o 1º ano da licenciatura (que coincide com um primeiro contacto com esta área de estudos), o 3º ano da licenciatura (que corresponde ao final da licenciatura) e o 1º ano do mestrado (que é o ano de contacto com a área especializada de estudos e que corresponde ao ano em que são lecionadas unidades

curriculares específicas desta área de conhecimento). Da mesma forma, seria importante explorar o fenómeno focando outras áreas com probabilidade de contacto profissional com estes jovens. Deste modo, apesar de o estudo abranger diversos cursos de áreas de formação distintas, outra limitação prende-se com o facto de a maioria dos participantes frequentarem o curso de psicologia.

O desenho de investigação transversal pode ser considerado também como uma limitação, nomeadamente, pelo facto de o teste de um modelo de mediação beneficiar de estudos de natureza longitudinal. Além disso, o facto de o questionário ser extenso influenciou o número de desistências, principalmente no que toca à recolha de dados através da plataforma *online*, bem como o não preenchimento de todas as escalas que levou à exclusão de dados da análise, não permitindo a recolha de uma amostra mais significativa. Deste modo, são necessários esforços adicionais de investigação para compreender de que forma as Imagens Sociais são disseminadas por estudantes em diferentes fases de formação utilizando abordagens longitudinais, assim como evidências sobre modelos explicativos das Imagens Sociais que nos permitam compreender melhor este fenómeno.

Capítulo VII - Conclusão

O presente trabalho de investigação contribuiu para sustentar os resultados de estudos anteriores no que toca às Imagens Sociais de jovens em Acolhimento Residencial, sendo possível concluir que os estudantes universitários detêm maioritariamente Imagens Sociais negativas acerca destes jovens (e.g., “carente”, “em necessidade” e “abandonado”). Adicionalmente, os dados do estudo mostram que os estudantes provenientes de ciências sociais percebem estes jovens como mais tristes e problemáticos, bem como menos felizes e cuidados comparativamente com estudantes de áreas de ciências não sociais.

No que concerne o teste do modelo proposto, não se verificou um efeito de mediação significativo. Contudo, foram encontrados efeitos diretos da Personalidade na dimensão Feliz e cuidado das Imagens Sociais e indiretos da Empatia e Personalidade na dimensão Competente das Imagens Sociais. Estes resultados não só reforçam as evidências prévias centradas nas Imagens Sociais dos estudantes universitários como sugerem novos *insights* sobre variáveis potencialmente explicativas destas imagens. Os dados sugerem assim que é importante sensibilizar os indivíduos para possíveis impactos da proliferação deste tipo de imagens no desenvolvimento e bem-estar destes jovens no sentido de prevenir a formação de Imagens Sociais negativas. Desta forma, revelam-se essenciais os esforços a nível de treino de competências empáticas, relacionais e de tomada de perspectiva durante a formação dos estudantes universitários, especialmente nos casos de estudantes com elevada probabilidade de contactar com estes jovens. Tal revela-se fundamental com vista à promoção de práticas profissionais de qualidade. Além disso, são necessários esforços adicionais no sentido de compreender que outros fatores podem contribuir para a formação das Imagens Sociais negativas, constituindo-se esta como uma área de investigação cujo investimento, no futuro, deve ser prioritário.

Fontes

Decreto Lei n.º 142/2015 de 8 de setembro da Assembleia da República. Diário da República, 1.ª série — N.º 175 (2015). Acedido em: http://www.seg-social.pt/documents/10152/14445999/Lei_n_142_2015_09_08/7059a660-0ddc-4547-9a99-ded7aec210ad.

ISS (2017). *CASA – Relatório de Caracterização Anual do Acolhimento de Crianças e Jovens*. Acedido em: http://www.seg-social.pt/documents/10152/15292962/Relatorio_CASA_2016/b0df4047-13b1-46d7-a9a7-f41b93f3eae7.

UNICEF (2004). *A convenção sobre os direitos da criança*. Acedido em: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf.

Bibliografia

- Altemeyer, B. (1998). The other "authoritarian personality". *Advances in Experimental Social Psychology*, 26, 105-149.
- Armenta, B. E., & Hunt, J. S. (2009). Responding to societal devaluation: Effects of perceived personal and group discrimination on the ethnic group identification and personal self-esteem of Latino/Latina adolescents. *Group Processes & Intergroup Relations*, 12, 23-39.
- Arpini, D. M. (2003). Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23, 70-75.
- Ayestaran, S. & Páez, D. (1987). *Representaciones sociales y estereotipos grupales*. In P. R. Darío et al. (Org.). *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social* (221-262). Madrid: Fundamentos.
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2007). Structural Modeling of Generalized Prejudice: The Role of Social Dominance, Authoritarianism, and Empathy. *Journal of Individual Differences*, 28, 10-17.
- Batson, C., Polycarpou, M., Harmon-Jones, E., Imhoff, H., Mitchener, E., & Bednar, L. (1997). Empathy and attitudes: Can feeling for a member of a stigmatized group improve feelings toward the group? *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 105-118.
- Bronsard, G., Alessandrini, M., Fond, G., Loundou, A., Auquier, P., Tordjman, S. & Boyer, L. (2016). The prevalence of mental disorders among children and adolescents in child welfare system: A systematic review and meta-analysis. *Medicine*, 95, 1-17.
- Bruneau, E.G., Cikara, M. & Saxe, R. (2017). Parochial empathy predicts reduced altruism and the endorsement of passive harm. *Social Psychological and Personality Science*, 1-9. Doi: 10.1177/1948550617693064.
- Burke, S.E., Dovidio, J.F., Przedworski, J.M., Hardeman, R.R., Perry, S.P., Phelan, S.M., Nelson, D.B., Burgess, D.J., Yeazel, M.W., & van Ryn, M. (2015). Do Contact and Empathy Mitigate Bias Against Gay and Lesbian People Among Heterosexual First-Year Medical Students? A Report From the Medical Student CHANGE Study. *Acad Med*. 90(5), 645-51. doi: 10.1097/ACM.0000000000000661.
- Butrus, N., & Witenberg, R. (2012). Some Personality Predictors of Tolerance to Human Diversity: The Roles of Openness, Agreeableness, and Empathy. *Australian Psychologist*, 48, 290-298.
- Calheiros, M. M., & Patrício, J. N. (2012). Assessment of needs in residential care: Perspectives of youth and professionals. *Journal of Child and Family Studies*, 23, 461-474. doi:

10.1007/s10826-012-9702-1.

- Calheiros, M.M., Garrido, M.V., Lopes, D., & Patrício, J.N. (2015). Social images of residential care: how children, youth and residential care institutions are portrayed? *Children and youth Services Review*, *55*, 159-169.
- Cheng, H.L., & Mallinckrodt, B. (2015). Racial/Ethnic Discrimination, Posttraumatic Stress Symptoms, and Alcohol Problems in a Longitudinal Study of Hispanic/Latino College Students. *Journal of Counseling Psychology*, *62*, 38–49.
- Chou, T., Asnaani, A., & Hofmann, S. G. (2012). Perception of racial discrimination and psychopathology across three U.S. ethnic minority groups. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, *18*, 74–81. <http://dx.doi.org/10.1037/a0025432>.
- Connor, D. F., Doerfler, L. A., Toscano Jr, P. F., Volungis, A. M., & Steingard, R. J. (2004). Characteristics of children and adolescents admitted to a residential treatment center. *Journal of Child and Family Studies*, *13*, 497-510.
- Corrigan, P. W., & Watson, A. C. (2002) The paradox of self-stigma and mental illness. *Clinical Psychology-Science and Practice*, *9*(1), 35-53.
- Corsini (1999). *The dictionary of psychology*. Philadelphia, PA: Taylor & Francis.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO PI-R) and NEO Five Inventory (NEO-FFI) professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P., & McCrae, R. (1989). *The NEO PI manual supplement*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Crandall, C. S., & Eshleman, A. (2003). A justification–suppression model of the expression and experience of prejudice. *Psychological Bulletin*, *129* (3), 414–446.
- Crawley, D. & Suarez, R. (2016). Empathy, Social Dominance Orientation, Mortality Salience, and Perceptions of a Criminal Defendant. *SAGE Open*, 1–15. doi: 10.1177/2158244016629185.
- Davis, M. (1994). *Empathy: A social psychological approach*. Oxford: Westview Press.
- Davis, M. H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, *10*, 85-103.
- Davis, M. H. (2006). Empathy. In J. E. Stets & J. H. Turner (Eds.), *Handbook of the sociology of emotions* (pp. 443-466). New York: Springer.
- Dovidio, J.F., Hewstone, M., Glick, P. & Esses, V.M. (2010). *Prejudice, stereotyping, and discrimination: theoretical and empirical overview*. Handbook of Prejudice, Stereotyping, and Discrimination. London, UK: Sage.

- Dozier, M., Zeanah, C.H., Wallin, A.R. & Shauffe, C. (2012). Institutional Care for Young Children: Review of Literature and Policy Implications. *Soc Issues Policy Rev* 6(1): 1–25. doi:10.1111/j.1751-2409.2011.01033.x.
- Ekehammar, B., & Akrami, N. (2003). The relation between personality and prejudice: A variable- and a person-centred approach. *European Journal of Personality*, 17, 449–464.
- Ekehammar, B., & Akrami, N. (2007). Personality and Prejudice: From Big Five Personality Factors to Facets. *Journal of Personality*, 75, 899-926.
- Ekehammar, B., Akrami, N., Gylje, M., & Zakrisson, I. (2004). What matters most to prejudice: Big-Five personality, social dominance orientation or rightwing authoritarianism? *European Journal of Personality*, 18, 463–482.
- Erlanger, A.C.E., & Tsytsarev, S.V. (2012). The Relationship between Empathy and Personality in Undergraduate Students' Attitudes toward Nonhuman Animals. *Society & Animals*, 20, 21-38.
- Finlay, K. A., & Stephan, W. G. (2000). Improving intergroup relations: The effects of empathy on racial attitudes. *Journal of Applied Social Psychology*, 30, 1720–1737. doi:10.1111/j.1559-1816.2000.tb02464.x.
- Galinsky, A. D., & Moskowitz, G. B. (2000). Perspective-taking: Decreasing stereotype expression, stereotype accessibility, and in-group favoritism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 708–724.
- Garrido, M., Patrício, J., Calheiros, M., & Lopes, D. (2016). Comparing the social images of youth in and out of residential care. *Journal of community & Applied social psychology*. 26. 439-455.
- Garson, G. D. (2012). Structural Equation Modeling. Asheboro, NC: Statistical.
- Gerson, M., & Neilson, L. (2014). The Importance of Identity Development, Principled Moral Reasoning, and Empathy as Predictors of Openness to Diversity in Emerging Adults.
- Giger, J. C., Orgambidez-Ramos, A., Gonçalves, G., Santos, J., & Gomes, A.(2015). Evidências métricas da adaptação da Escala de Dominância Social numa amostra portuguesa. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 143-15. Doi: 10.15689/ap.2015.1401.16.
- Greene, M.L., Way, N., & Pahl, K. (2006). Trajectories of Perceived Adult and Peer Discrimination Among Black, Latino, and Asian American Adolescents: Patterns and Psychological Correlates. *Developmental Psychology*, 42, 218–238.
- Guerra, P. (2016). *Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo Anotada*. Lisboa: Almedina.

- Hagaman, J. L., Trout, A. L., Chemlka, M. B., Thompson, R. W., & Reid, R. (2010). Risk profiles of children entering residential care: A cluster analysis. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 525–535.
- Hays, R., Hayashi, T., & Stewart, A. (1989). A five-item measure of Socially Desirable Response Set. *Educational and Psychological Measurement, 49*(3), 629-636. doi: 10.1177/001316448904900315.
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., & Stewart, A. L. (2015). The Nature of Social Dominance Orientation: Theorizing and Measuring Preferences for Intergroup Inequality Using the New SDO₇ Scale. *Journal of Personality and Social Psychology, 109*(6), 1003-1028.
- Kendrick, A. (2005) *Social exclusion and social inclusion: themes and issues in residential child care*. In: Facing forward: residential child care in the 21st century. Russell House Publishing, 7-18.
- Kools, S. M. (1997). Adolescent identity development in foster care. *Family Relations, 46*, 263-271.
- Küpper, B., Wolf, C., & Zick, A. (2010). Social status and anti-immigrant attitudes in Europe: An examination from the perspective of social dominance theory. *International Journal of Conflict and Violence, 4*, 205–219.
- Kuznetsova, T. I. (2005). Social stereotypes of the perception of graduates of children's homes. *Russian Education and Society, 47*, 19-30.
- Lima, M. P., & Simões, A. (1997). O Inventário da Personalidade NEO-PI-R: Resultados da Aferição Portuguesa. *Psychologica, 18*, 25-46.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2006). Inventário de Personalidade NEO revisto (NEO-PI-R). In M. Gonçalves, L. Almeida, M. Simões, & C. Machado (Eds.), *Avaliação Psicológica - Instrumentos validados para a População Portuguesa* (pp. 15-32). Coimbra: Quarteto.
- Limpo, T., Alves, R. A., & Catro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do índice de reactividade interpessoal. *Laboratório de Psicologia, 8* (2), 171-184.
- Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology, 27*, 363-385.
- Little, M., Kohm, A., & Thompson, R. (2005). The impact of residential placement on child development: research and policy implications. *Int J Soc Welfare, 14*, 200–209.
- Lopes, D., Calheiros, M.M., Patrício, N.P., & Garrido, M.V. (2017). Development and validation of a Social Images Evaluation Questionnaire for youth in residential care. *PLoS ONE, 12*(6).

- MacLean, K. (2003). The impact of institutionalization on child development. *Development and Psychopathology*, 15, 853-884.
- Maddi, S. R. (1972). *Personality theories*. Homewood, IL: The Dorsey Press.
- Magalhães, E., Calheiros, M. M., & Costa, P. (2016). To be or not to be a rights holder: direct and indirect effects of perceived rights on psychological adjustment through group identification in care. *Children and Youth Services Review*, 71, 110-118.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Pedroso de Lima, M. (2014). NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory in a portuguese context. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27 (4), 642-657.
- McFarland, S. (2010). Authoritarianism, social dominance, and other roots of generalized prejudice. *Political Psychology*, 31, 453-477.
- Melchers, M.C., Li, M., Haas, B.W., Reuter, M., Bischoff, L., & Montag, C. (2016). Similar Personality Patterns Are Associated with Empathy in Four Different Countries. *Front. Psychol*, 7, 1-12. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00290.
- Milfont, T.L., & Sibley, C.G. (2016). Empathic and social dominance orientations help explain gender differences in environmentalism: A one-year Bayesian mediation analysis. *Personality and Individual Differences* 90, 85-88.
- Morrison, T. G., Morrison, M. A., & Borsa, T. (2014). A Legacy of Derogation: Prejudice toward Aboriginal Persons in Canada. *Psychology*, 5, 1001-1010. <http://dx.doi.org/10.4236/psych.2014.59112>.
- Moscovici, S. (2000). *social representations: explorations in social psychology*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Nelson, T.D., Kidwell, K.M., Hoffman, S., Trout, A.L., Epstein, M.H. & Thompson, R.W. (2014). Health-Related Quality of Life Among Adolescents in Residential Care: Description and Correlates. *American Journal of Orthopsychiatry*, 84 (3), 226-233.
- Nicol, A. A. M., & France, K. (2016). The Big Five's relation with the facets of Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation. *Personality and Individual Differences*, 98, 320-323.
- Pascoe, E., & Richman, L. (2009). Perceived discrimination and health: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 135(4), 531-554. doi:10.1037/a0016059.
- Pechorro, P., Barroso, R., Silva, I., Marôco, J., & Gonçalves, R.A. (2016). Propriedades psicométricas da Escala de Respostas Socialmente Desejáveis - 5 (SDRS-5) em jovens institucionalizados. *PSICOLOGIA*, 30 (1), 29-36. doi: <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v30i1.1065>.

- Perry, R. & Sibley, C.G. (2012). Big-Five personality prospectively predicts Social Dominance Orientation and Right-Wing Authoritarianism. *Personality and Individual Differences*, 52, 3-8.
- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology*, 17, 271–320.
- Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality & Social Psychology*, 67, 741 – 763.
- prejudice, *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 126-134.
- Psychology*, 30, 47-92.
- Rodrigues, S., Barbosa-Ducharne, M., & Del Valle, J.F. (2013). La calidad del acogimiento residencial en Portugal y el ejemplo de la evolución Española. *Papeles del Psicólogo*, 34(1), 11-22.
- Roopa, C.G. & Joseph, C. (2007). A preliminary study on empathy and personality in military medical officers. *Ind J Aerospace Med*, 51(2), 28-39.
- SAGE, 1 –11. doi: 10.1177/2158244014553584.
- Sainero, A., del Valle, J.F. & Bravo, A. (2015). Detección de problemas de salud mental en un grupo especialmente vulnerable: niños y adolescentes en acogimiento residencial. *Anales de psicología*, 31, 472-480.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Muller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research Online*, 8(2), 23–74.
- Schmid, M., Goldbeck, L., Nuetzel, J., & Fegert, J. M. (2008). Prevalence of mental disorders among adolescents in German youth welfare institutions. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 2. doi: 10.1186/1753-2000-2-2.
- Shih, M.J., & Stotzer, R. & Gutiérrez, A.S.(2013). Perspective-Taking and Empathy: Generalizing the Reduction of Group Bias Towards Asian Americans to General Outgroups. *Journal of Abnormal Psychology*, 4 (2), 79–83.
- Shrout, P. E., & Bolger, N. (2002). Mediation in experimental and nonexperimental studies: New procedures and recommendations. *Psychological Methods*, 7(4), 422–445. <http://dx.doi.org/10.1037/1082-989X.7.4.422>.
- Sibley, C. G., & Duckitt, J. (2008). Personality and prejudice: A meta-analysis and theoretical review. *Personality and Social Psychology Review*, 12, 248–279.

- Sidanius, J. & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. New York: Cambridge University Press.
- Sidanius, J., Pratto, F., Sinclair, S., & Van Laar, C. (1996). Mother Teresa meets Genghis Khan: The dialectics of hierarchy-enhancing and hierarchy-attenuating career choices. *Social Justice Research, 9*, 145–170.
- Sinclair, I., & Gibbs, I. (1998). *Children's Homes: A Study in Diversity*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Song, Y., & Shi, M. (2017). Associations between empathy and big five personality traits among Chinese undergraduate medical students. *PLoS ONE, 12*(2). doi:10.1371/journal.pone.0171665.
- Srivastava, S., John, O.P., Gosling, S.D. & Potter, J. (2003). Development of Personality in Early and Middle Adulthood: Set Like Plaster or Persistent Change?. *Journal of Personality and Social Psychology, 84*, 1041–1053. DOI: 10.1037/0022-3514.84.5.1041.
- Stein, G.L., Supple, A.J., Huq, N., Dunbar A.S. & Prinstein, M.J. (2016) A Longitudinal Examination of Perceived Discrimination and Depressive Symptoms in Ethnic Minority Youth: The Roles of Attributional Style, Positive Ethnic/Racial Affect, and Emotional Reactivity. *Developmental Psychology, 52*, 259–271.
- Tajfel, H., & Turner, J.C. (1986). *The social identity of intergroup behavior*. In S.Worchel., & W.G. Austin (Eds.). IL: Nelson-Hall.
- Todd, A. R., Bodenhausen, G. V., Richeson, J. A., & Galinsky, A. D. (2011). Perspective taking combats automatic expressions of racial bias. *Journal of Personality and Social Psychology, 100*, 1027–1042. doi: 10.1037/a0022308.
- Umphress, E. E., Simmons, A. L., Boswell, W. R., & Triana, M. D. C. (2008). Managing discrimination in selection: the influence of directives from an authority and social dominance orientation. *Journal of Applied Psychology, 93*, 982-993. doi:10.1037/0021-9010.93.5.982.
- Van Brakel, W. H. (2006). Measuring health-related stigma - A literature review. *Psychology, Health & Medicine, 11* (3), 307 – 334.
- Van Dijk, T.A. (1984). *Prejudice in discourse: An analysis of ethnic Prejudice in cognition and conversation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Wendt, B., Dullius, L. & Dell’Aglio, D.D. (2017). Imagens Sociais sobre Jovens em Acolhimento Institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão, 37*, 529-541.
- Whitley, B. E. (1999). Right-wing authoritarianism, social dominance orientation, and

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

- Woods, T. A., Kurtz-Costes, B., & Rowley, S. J. (2005). The development of stereotypes about the rich and poor: Age, race, and family income differences in beliefs. *Journal of Youth and Adolescence*, *34*, 437-445.
- Yeung, K.T., & Martin, J. L. (2003). The looking glass self: An empirical test and elaboration. *Social Forces*, *81*, 843–879. <http://dx.doi.org/10.1353/sof.2003.0048>.
- Zappe, J.G., Yunes, M.A.M., & Dell’Aglío, D.D. (2016). Imagens Sociais de Famílias com Crianças e Adolescentes: Impacto do Status Socioeconômico e da Institucionalização. *Pensando Famílias*, *20*(1), 83-98.

Anexo A - Características sociodemográficas dos participantes

Variáveis sócio demográficas	<i>M (DP; Min, Max) / %</i>
Idade	22.21 (5.24; 17,55)
Sexo	
Feminino	74.3
Masculino	25.7
Último grau académico concluído	
Ensino Secundário	63.9
Licenciatura	31.8
Mestrado	3.6
Doutoramento	0.6
Ciclo de estudos que frequenta neste momento	
Licenciatura	71.7
Mestrado	27.1
Doutoramento	1.2
Área de Estudos	
Ciências Sociais	69.4
Ciências não Sociais	30.6
Curso que frequenta neste momento	
Psicologia	56.0
Biologia	0.9
Desporto	11.3
Turismo	0.6
Gestão	5.8
Finanças	0.3
Economia	0.3
Enfermagem	1.8
Bioestatística	0.3
Informática	0.9
Jornalismo	0.6
Ciências Farmacêuticas	0.3
Educação Básica	0.3
Engenharia Alimentar	0.6
Gestão de Recursos Humanos	1.2
Gestão Industrial e Logística	5.8
Marketing	0.9

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Antropologia	0.3
Neurociências	0.3
Política	0.3
Sociologia	4.6
Serviço Social	5.2
Bioengenharia	0.3
Rendimento médio mensal do agregado familiar	
Até 1000€	22.7
Entre 1000€ e 1500€	35.8
Entre 1500€ e 3000€	28.1
Entre 3000€ e 4000€	8.6
Mais de 4000€	4.8
Envolvimento Relacional	
Solteiro	60.7
Numa relação (de pelo menos 1 ano)	32.1
Em união de facto	3.6
Casado/a	3.0
Divorciado/a	0.6
Contacto com jovens em Acolhimento Residencial	
Sim	48.6
Não	51.4
Nacionalidade	
Portuguesa	95.8
Brasileira	1.8
Alemã	0.3
Angolana	0.3
Chinesa	0.3
Guineense	0.3
Romena	0.3
Dupla Nacionalidade (Portuguesa+Outra)	0.9
Naturalidade	
Lisboa	46.0
Porto	1.5
Setúbal	8.0
Aveiro	0.3
Leiria	8.6
Santarém	6.2
Faro	2.2

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Coimbra	1.9
Viseu	1.5
Região Autónoma da Madeira	2.2
Região Autónoma dos Açores	3.7
Castelo Branco	2.5
Évora	3.4
Guarda	0.6
Beja	2.5
Portalegre	1.9
Países Estrangeiros	7.1

Anexo B – Consentimento informado



Atitudes e representações sociais de estudantes universitários

No âmbito de um estudo acerca das atitudes e representações sociais de estudantes universitários, sob orientação da Professora Eunice Magalhães (ISCTE-IUL), pedimos a sua colaboração no preenchimento deste questionário, que demora cerca de 15 minutos.

O estudo dirige-se a estudantes universitários de diversas áreas e tem como objetivo compreender as suas representações e atitudes acerca de diferentes grupos sociais, assim como aceder às suas experiências, percepções e sentimentos.

Seguem-se alguns grupos de questões com as respetivas instruções de resposta. Leia atentamente cada questão antes de responder no espaço correspondente e tente responder a todas as questões. Relembramos que não existem respostas certas ou erradas, estamos apenas interessados na sua opinião honesta.

A informação recolhida é confidencial e será tratada de forma anónima, pelo que não escreva o seu nome no questionário. Os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins académicos. Pode decidir deixar de participar neste estudo em qualquer altura e por qualquer razão.

Caso queira colocar alguma questão acerca deste estudo ou sobre a sua participação, poderá enviar um email para: evmsa@iscte.pt

Desde já obrigada pela sua colaboração!

Declaro ter compreendido os objetivos do estudo, e aceito participar.

Anexo C - Questionário

I - PARTE

1. Idade: ____ 2. Sexo: Feminino Masculino 3. Nacionalidade _____

4. Último grau académico concluído: _____ 5. Naturalidade (Distrito) _____

Ensino Secundário (12º ano)

1º ciclo do Ensino Superior / Licenciatura : Qual? _____

2º ciclo do Ensino Superior / Mestrado: Qual? _____

3º ciclo do Ensino Superior / Doutoramento: Qual? _____

6. Ciclo de estudos que frequenta neste momento: Licenciatura Mestrado Doutoramento

7. Ano curricular (da Licenciatura, Mestrado ou Doutoramento): ____

8. Nome do Curso que frequenta neste momento: _____

9. Rendimento médio mensal do seu atual agregado familiar:

Até 1000€ Entre 1000 e 1500€ Entre 1500 e 3000€ Entre 3000 e 4000€ Mais de 4000€

10. Envolvimento relacional atual: Solteiro/a Numa relação (de pelo menos 1 ano)

Em união de facto Casado/a Viúvo/a Divorciado/a

11. Como se posiciona relativamente à sua orientação política? Indique nesta escala o seu posicionamento, em que 0 é a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita, fazendo um círculo à volta do número que representa a sua orientação.

Esquerda Direita
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

12. Tem ou teve algum contacto com jovens acolhidos em instituições? Sim, tenho Sim, tive mas já não tenho Nunca

12.1. Se sim, em que contexto contactou com estes jovens?

Durante a minha formação (qual: _____)

No local de estágio

No local de trabalho (qual: _____)

Em atividades de voluntariado (quais: _____)

Já vivi numa instituição

Conheço alguém que vive/niveu numa instituição

(quem: _____)

Outro: _____

13. Qual é a primeira(s) ideia(s) / característica(s) que lhe vem à cabeça quando pensa num(a) jovem institucionalizado(a)?

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

II PARTE

(Pechorro, Barroso, Silva, Marôco & Gonçalves, 2016)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião.

Totalmente verdadeiro

Totalmente falso

1

2 3 4

5

1. Sou sempre simpático, mesmo com pessoas que são mal-educadas	1	2	3	4	5
2. Já me aconteceu aproveitar-me de outras pessoas para meu ganho pessoal	1	2	3	4	5
3. Por vezes tento vingar-me em vez de perdoar e esquecer	1	2	3	4	5
4. Por vezes fico chateado quando não consigo o que quero	1	2	3	4	5
5. Ouço sempre com muita atenção todas as pessoas com quem falo.	1	2	3	4	5

III – PARTE

(Lima & Simões, 2000; Magalhães et al., 2014)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião, de acordo com a seguinte escala:

	Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
1. Não sou uma pessoa preocupada.	0	1	2	3	4
2. Gosto de ter muita gente à minha volta.	0	1	2	3	4
3. Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).	0	1	2	3	4
4. Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.	0	1	2	3	4
5. Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.	0	1	2	3	4
6. Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.	0	1	2	3	4
7. Rio facilmente.	0	1	2	3	4
8. Quando encontro uma maneira correta de fazer qualquer coisa não mudo mais.	0	1	2	3	4
9. Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.	0	1	2	3	4
10. Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.	0	1	2	3	4
11. Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.	0	1	2	3	4
12. Não me considero uma pessoa alegre.	0	1	2	3	4
13. Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.	0	1	2	3	4
14. Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.	0	1	2	3	4
15. Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).	0	1	2	3	4
16. Raramente me sinto só ou abatido(a).	0	1	2	3	4
17. Gosto muito de falar com as outras pessoas.	0	1	2	3	4
18. Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.	0	1	2	3	4
19. Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.	0	1	2	3	4
20. Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.	0	1	2	3	4
21. Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).	0	1	2	3	4
22. Gosto de estar onde está a ação.	0	1	2	3	4
23. A poesia pouco ou nada me diz.	0	1	2	3	4
24. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.	0	1	2	3	4
25. Tenho objetivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.	0	1	2	3	4
26. Às vezes sinto-me completamente inútil.	0	1	2	3	4
27. Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).	0	1	2	3	4
28. Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.	0	1	2	3	4
29. Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, se as deixarmos.	0	1	2	3	4
30. Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.	0	1	2	3	4
31. Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).	0	1	2	3	4
32. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.	0	1	2	3	4
33. Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.	0	1	2	3	4
34. A maioria das pessoas que conheço gosta de mim.	0	1	2	3	4
35. Trabalho muito para conseguir o que quero.	0	1	2	3	4
36. Muitas vezes aborrece-me a maneira como as pessoas me tratam.	0	1	2	3	4
37. Sou uma pessoa alegre e bem-disposta.	0	1	2	3	4

IMAGENS SOCIAIS DE JOVENS EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL



	Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
38. Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.	0	1	2	3	4
39. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.	0	1	2	3	4
40. Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.	0	1	2	3	4
41. Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.	0	1	2	3	4
42. Não sou um(a) grande otimista.	0	1	2	3	4
43. Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.	0	1	2	3	4
44. Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.	0	1	2	3	4
45. Às vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ser.	0	1	2	3	4
46. Raramente estou triste ou deprimido(a).	0	1	2	3	4
47. A minha vida decorre a um ritmo rápido.	0	1	2	3	4
48. Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.	0	1	2	3	4
49. Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).	0	1	2	3	4
50. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.	0	1	2	3	4
51. Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.	0	1	2	3	4
52. Sou uma pessoa muito ativa.	0	1	2	3	4
53. Tenho muita curiosidade intelectual.	0	1	2	3	4
54. Quando não gosto das pessoas faço-lhe saber.	0	1	2	3	4
55. Parece que nunca consigo ser organizado(a).	0	1	2	3	4
56. Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter-me num buraco.	0	1	2	3	4
57. Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.	0	1	2	3	4
58. Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstratas.	0	1	2	3	4
59. Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.	0	1	2	3	4
60. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.	0	1	2	3	4

IV- PARTE

(Limpo, Alves & Castro, 2010)

As afirmações seguintes referem-se a pensamentos e sentimentos que poderá ter tido em diversas situações. Indique em que medida cada item o/a descreve a si, indicando com uma cruz o número apropriado na escala abaixo:

	Não me descreve bem 0	1	2	3	Descreve-me muito bem 4
1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	0	1	2	3	4
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	0	1	2	3	4
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	0	1	2	3	4
4. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	0	1	2	3	4
5. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	0	1	2	3	4
6. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	0	1	2	3	4
7. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	0	1	2	3	4
8. Fico muitas vezes emocionado/emocionada com coisas que vejo acontecer.	0	1	2	3	4
9. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	0	1	2	3	4
10. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	0	1	2	3	4
11. Quando estou aborrecido/aborrecida com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento	0	1	2	3	4
12. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	0	1	2	3	4

VI PARTE

(Lopes, Calheiros, Patrício & Garrido, 2016)

Pense num jovem institucionalizado (típico/comum). Indique até que ponto considera que cada uma das características/atributos seguintes descrevem muito ou pouco este jovem assinalando com uma cruz o número que melhor corresponde à sua avaliação.

	Não descreve nada este jovem 1	2	3	4	Descreve muito bem este jovem 5
1. Acarinhado	1	2	3	4	5
2. Deprimido	1	2	3	4	5
3. Frustrado	1	2	3	4	5
4. Inteligente	1	2	3	4	5
5. Conflituoso	1	2	3	4	5
6. Honesto	1	2	3	4	5
7. Agressivo	1	2	3	4	5
8. Educado	1	2	3	4	5
9. Abandonado	1	2	3	4	5
10. Limpo	1	2	3	4	5
11. Bom	1	2	3	4	5
12. Desintegrado	1	2	3	4	5
13. Problemático	1	2	3	4	5
14. Trabalhador	1	2	3	4	5
15. Lutador	1	2	3	4	5
16. Empenhado	1	2	3	4	5
17. Corajoso	1	2	3	4	5
18. Negligenciado	1	2	3	4	5
19. Competente	1	2	3	4	5
20. Sem auto-estima	1	2	3	4	5
21. Saudável	1	2	3	4	5
22. Satisfeito	1	2	3	4	5
23. Amado	1	2	3	4	5
24. Feliz	1	2	3	4	5
25. Protegido	1	2	3	4	5
26. Amigo	1	2	3	4	5
27. Sozinho	1	2	3	4	5
28. Desmotivado	1	2	3	4	5
29. Traumatizado	1	2	3	4	5
30. Triste	1	2	3	4	5

VII PARTE

(Giger, Orgambidez-Ramos, Gonçalves, Santos & Gomes, 2015)

Indique o grau em que considera negativa ou positiva cada uma das afirmações apresentadas. Utilize a escala abaixo, assinalando com uma cruz o número que mais se aproxima à sua opinião.

	Extremamente negativo						Extremamente positivo
	1	2	3	4	5	6	7
1. Alguns grupos de pessoas, simplesmente, são inferiores a outros grupos	1	2	3	4	5	6	7
2. Para alcançar aquilo que queremos, por vezes, é necessário usar a força contra outros grupos.	1	2	3	4	5	6	7
3. É OK se alguns grupos tiverem mais do que uma hipótese, na vida, do que outros.	1	2	3	4	5	6	7
4. Para avançar na vida, algumas vezes é necessário passar por cima de outros grupos.	1	2	3	4	5	6	7
5. Se alguns grupos tivessem permanecido no seu lugar, teriam menos problemas.	1	2	3	4	5	6	7
6. Provavelmente é bom que alguns grupos estejam no topo e que outros estejam no fundo.	1	2	3	4	5	6	7
7. Grupos inferiores deveriam ficar no seu lugar.	1	2	3	4	5	6	7
8. Algumas vezes outros grupos devem ser colocados no seu lugar.	1	2	3	4	5	6	7
9. Seria bom se os grupos pudessem ser iguais	1	2	3	4	5	6	7
10. Igualdade grupal deveria ser o nosso ideal.	1	2	3	4	5	6	7
11. A todos os grupos deveria ser dada uma hipótese na vida.	1	2	3	4	5	6	7
12. Deveríamos fazer o que pudéssemos para alcançar a igualdade de condições para os diferentes grupos.	1	2	3	4	5	6	7
13. Aumentar a igualdade social	1	2	3	4	5	6	7
14. Teríamos menos problemas se tratássemos as pessoas de forma mais igualitária.	1	2	3	4	5	6	7
15. Deveríamos esforçar-nos por obter rendimentos o mais semelhantes possíveis.	1	2	3	4	5	6	7
16. Nenhum grupo deveria dominar a sociedade.	1	2	3	4	5	6	7

Obrigada pela sua colaboração!